



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JEZIANE ROSA DOS REIS

**ASPECTOS DAS TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES DA PRIMEIRA TURMA DO
CURSO DE PEDAGOGIA NO CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE: “Era meu sonho ter uma formação. Dizer
assim: eu sou formada!” (2006-2011)**

**Itabaiana/SE
2020**

JEZIANE ROSA DOS REIS

ASPECTOS DAS TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES DA PRIMEIRA TURMA DO CURSO DE PEDAGOGIA NO CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE: “Era meu sonho ter uma formação. Dizer assim: eu sou formada!” (2006-2011)

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira

Itabaiana/SE
2020

JEZIANE ROSA DOS REIS

ASPECTOS DAS TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES DA PRIMEIRA TURMA DO CURSO DE PEDAGOGIA NO CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE: “Era meu sonho ter uma formação. Dizer assim: eu sou formada!” (2006-2011)

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia, do Departamento de Educação do Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira

Aprovada em: 1 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira (orientador)
(Departamento de Educação – DEDI - UFS)

Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi
(Departamento de Educação – DEDI – UFS)

Profa. Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira
(Departamento de Educação – DEDI – UFS)

Profa. Dra. Nayara Alves de Oliveira
(Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura – SEDUC/SE)

Itabaiana/SE
2020

A Deus por ter me guiado em todos os momentos.
A minha família pelo incentivo e amor de sempre.
Ao meu pai, que do céu sei que torce pela minha vitória.
Ao Prof. João Paulo Gama por toda paciência e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente à Deus por ter me sustentado em todos os momentos difíceis e me permitir essa conquista. Obrigada meu pai por nunca me deixar desistir e por tantas bênçãos em minha vida.

Agradeço ao meu querido pai José Gilson, que do céu torce por mim, essa conquista é para o senhor, pai! A minha amada mãe por me apoiar e incentivar a crescer na vida, e por não medir esforço para que eu realizasse meus sonhos. A minha querida sogra que se tornou uma mãe para mim e para meu filho quando eu estava ausente.

Aos meus irmãos por todo apoio e carinho, especialmente as minhas irmãs Gicilaine e Janete que me acompanham desde o dia da inscrição, e ao meu irmão Junior que me ajudou na revisão da correção ortográfica desta monografia. Aos meus sobrinhos e minha afilhada que tornam minha vida mais alegre e colorida. As minhas comadres Elisa e Eliza que sempre estiveram ao meu lado, me aconselhando e me ajudando em todos os momentos da minha vida.

Ao meu amado esposo Rafael, agradeço por sua calma, seu cuidado, seu carinho e seu amor. Obrigada por sempre acreditar em mim, me apoiar em todos os momentos, por ser um pai incrível e um marido exemplar. Eu te amo, “vida”! Ao meu amado filho, José Brayan, por me dar forças para continuar e superar todos os obstáculos vivenciados durante este percurso, por toda troca de amor e carinho que temos um com o outro. Aproveito para pedir desculpas por todos os momentos que estive ausente durante o período da graduação, recompensarei te dando muito amor e carinho. Te amo!

A minha turma, em especial, as minhas amigas e companheiras que a UFS me presenteou, Carolaine, Ana Paula, Tayara e Jayne. Minhas “pedagogatas”, obrigada pelo companheirismo, pela solidariedade de sempre, pelas risadas e descontração, por fazer com que esse percurso se tornasse mais leve e prazeroso. Essa conquista é nossa! Amo vocês.

Ao meu amigo Matheus que me salvou de muitos problemas com o computador durante todo o período de graduação e tonou-se meu técnico e amigo em qualquer hora do dia. Conte comigo sempre, amigo! A minha tia de coração Andréa que me ajudou com a tradução do resumo em inglês, e durante essa jornada não mediu esforços para me ajudar em todos os momentos que precisei, seja ele pessoal ou acadêmico. Sou grata por tudo!

Ao amigo e colega de profissão, professor Alisson, que me ajudou a localizar as participantes da pesquisa. E as entrevistadas que contribuíram, significativamente, para o desenvolvimento deste trabalho. Meu muitíssimo obrigada!

Aos professores/as do departamento de Educação por toda dedicação e ensinamentos, por contribuírem imensamente na minha formação profissional e pessoal.

Ao meu querido e excelente orientador João Paulo Gama, por toda paciência e dedicação comigo, por sempre estar disposto a me ajudar, mesmo sabendo das minhas limitações em escrever. Sua ajuda, seu apoio, sua preocupação e sua paciência foram primordiais neste processo, principalmente, nos momentos de desânimos e desistência. O senhor é excepcional, serei eternamente grata a ti por todos os ensinamentos durante esta trajetória, aprendi muito durante todo esse tempo que passamos juntos!

À banca, composta pelas professoras Dra. Fernanda Amorim Accorsi, Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira e Dra. Nayara Alves de Oliveira obrigada pela participação neste estudo e por se dispor a contribuir para o aprimoramento do trabalho.

Agradeço a todos que contribuíram direta e/ou indiretamente para a realização deste trabalho.

*“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos
Não é senão uma gota de água no mar.
Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.”*

Madre Teresa de Calcutá

RESUMO

A presente monografia analisa aspectos da trajetória de mulheres que desenvolveram dupla jornada de trabalho somada a de estudante do ensino superior, durante a graduação na primeira turma do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, no período de 2006 a 2011. Para tanto, foi necessário realizar estudos referentes a criação e instalação do curso de Pedagogia em Sergipe e a criação do campus da UFS, em Itabaiana/SE. Além disso, efetuou-se uma análise sobre as dificuldades de permanência e conclusão do curso, a fim de compreender os desafios dessas alunas na tentativa de conciliar trabalho, vida pessoal e acadêmica. Para desenvolver a pesquisa, foram realizadas a análise bibliográfica, com estudos referenciais de Louro (2008); Fagundes (2005); Almeida (1998); Rabelo e Martins (2006), e a pesquisa de campo qualitativa com entrevistas semiestruturadas com três egressas da primeira turma do curso. A pesquisa foi realizada a partir de três eixos de análise, a saber: A jornada para além das aulas no curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho (UFS); O curso de Pedagogia aprendizagens e reverberações para além da sala de aula; Estratégias para conclusão do curso superior: renúncias e desafios. Nesse sentido, este estudo destaca algumas das estratégias desenvolvidas por essas ex-alunas para enfrentar a dupla jornada de trabalho, concomitantemente à da graduação. Apesar das dificuldades e renúncias pessoais durante o curso, essas mulheres conseguiram conciliar com sucesso suas atividades acadêmicas, profissionais e domésticas, demonstrando que é possível alcançar resultados positivos e avanços significativos na vida profissional, acadêmica e pessoal. Diante disso, entendemos que este estudo contribui significativamente no sentido de compreender e refletir sobre a história das mulheres no curso de Pedagogia, bem como suas estratégias para conciliar os diferentes papéis que desempenharam no período acadêmico.

Palavras-chave: Campus Professor Alberto Carvalho. Curso de Pedagogia. Formação de professoras. Mulheres na docência.

ABSTRACT

This monograph analyzes aspects of the trajectory of women who developed a double work shift plus that of a higher education student, during graduation in the first class of the Pedagogy course at the Federal University of Sergipe (UFS), Professor Alberto Carvalho University Campus, in the period from 2006 to 2011. Therefore, it was necessary to carry out studies related to the creation and installation of the Pedagogy course in Sergipe and the creation of the UFS campus, in Itabaiana/SE. In addition, an analysis was made on the difficulties of staying and completing the course, in order to understand the challenges of these students in an attempt to reconcile work, personal and academic life. To develop the research, bibliographic analysis was carried out, with reference studies by Louro (2008); Fagundes (2005); Almeida (1998); Rabelo and Martins (2006), and qualitative field research with semi-structured interviews with three graduates from the first class of the course. The research was carried out based on three axes of analysis, namely: The journey beyond the classes in the Pedagogy course at the Professor Alberto Carvalho Campus (UFS); The Pedagogy course, learning and reverberations beyond the classroom; Strategies for completing higher education: renunciations and challenges. In this sense, this study highlights some of the strategies developed by these former students to face the double work shift, concurrently with graduation. Despite personal difficulties and renunciations during the course, these women were able to successfully reconcile their academic, professional and domestic activities, demonstrating that it is possible to achieve positive results and significant advances in professional, academic and personal life. Therefore, we understand that this study contributes significantly towards understanding and reflecting on the history of women in the Pedagogy course, as well as their strategies to reconcile the different roles they played in the academic period.

Key words: Pedagogy Course. Campus Professor Alberto Carvalho. Training of teachers. Women in teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFS	Universidade Federal de Sergipe
FAFI	Faculdade de Filosofia
FCFS	Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe
EJA	Educação de Jovens e Adultos
CAIC	Centros Integrados de Atenção à Criança e ao Adolescente.
CFB	Constituição Federal Brasileira
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	ASPECTOS HISTÓRICOS DO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL E EM SERGIPE	20
2.1	A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e o curso de Pedagogia	20
2.2	A Criação do Campus Universitário Professor Alberto Carvalho na cidade de Itabaiana/SE.....	25
3	BREVE DISCUSSÃO SOBRE A INSERÇÃO DA MULHER NO MAGISTÉRIO.....	27
4	MULHERES DO PRIMEIRO CURSO DE PEDAGOGIA NO CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO DA UFS	31
4.1	A jornada para além das aulas no curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho (UFS).....	32
4.2	O curso de Pedagogia: aprendizagens e reverberações para além da sala de aula....	36
4.3	Estratégias para conclusão do curso superior: renúncias e desafios.....	39
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	Referências	47
	Apêndices	50
	Anexos	71

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar aspectos da trajetória de mulheres que desenvolveram tripla jornada¹ no período que cursaram graduação na primeira turma de Pedagogia do Campus Universitário Professor Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe (UFS) entre os anos de 2006 e 2011. Apresenta como objetivos específicos analisar a perspectiva histórica da criação e instalação do curso de Pedagogia no Brasil e em Sergipe, e da criação da UFS, como também do seu primeiro campus no interior sergipano. Além disso, propõe identificar os desafios enfrentados pelas acadêmicas para a realização de um curso superior noturno, conciliando o trabalho, a vida pessoal e as atividades domésticas, com os estudos universitários.

Em novembro de 2005 foi criado o Campus de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe por meio da Resolução N° 19/2005/CONSU que no seu Art. 4° descreve os cursos de graduação ali ofertados: I. Administração / Bacharelado; II. Ciências Contábeis / Bacharelado; III. Sistemas da Informação / Bacharelado; IV. Matemática/Licenciatura; V. Física / Licenciatura; VI. Química / Licenciatura; VII. Ciências Biológicas / Licenciatura; VIII. Normal Superior - séries iniciais do Ensino Fundamental; IX. Letras / Licenciatura e X. Geografia / Licenciatura. Já a Resolução N° 63/2005/CONEP/UFS aprovou o Projeto Pedagógico do Curso Normal Superior Séries Iniciais do Ensino Fundamental Licenciatura, do Campus de Itabaiana em 2005, um ano depois, mais precisamente em 17 de outubro de 2006 a Resolução n° 110/2006/CONEP alterou o nome para Curso de Graduação em Pedagogia Licenciatura para as Séries Iniciais. No ano de 2008, a nomenclatura e a estrutura curricular foram modificadas com a denominação de Curso de Graduação em Pedagogia, Modalidade Licenciatura (RESOLUÇÃO N° 101/2008/CONEPE). Dessa forma, as personagens principais da presente pesquisa ingressaram no curso Normal Superior, mas logo no início do mesmo passaram a estudar e concluíram a graduação em Pedagogia.

A escolha do tema surgiu em virtude de haver uma grande quantidade de estudantes do sexo feminino no curso de Pedagogia da UFS, desde a formação das primeiras turmas, que realizam uma série de atividades, concomitantemente, à graduação. Nesse sentido, o interesse pela temática elevou-se durante o período de graduação, especialmente, após a minha gestação, a qual proporcionou uma tripla jornada: trabalho informal, estudante, dona de casa

¹ Para uma melhor compreensão do/a leitor/a a dupla jornada refere-se ao trabalho doméstico e o trabalho formal dessas mulheres. Em outras passagens tratamos da tripla jornada que faz alusão ao trabalho doméstico, somado ao formal e as atividades acadêmicas do curso de Pedagogia.

além de ser mãe, esposa, e integrante dos programas de bolsas auxílios de formação inicial docente². Tudo isso, enquanto realizava o curso de Pedagogia no período noturno.

Um outro elemento importante para a escolha do tema foi a escuta de relatos sobre as dificuldades enfrentadas por colegas da graduação, que assumiram essa tripla jornada para permanecerem inseridas em uma instituição de ensino superior e conseqüentemente conquistar uma carreira profissional. Muitas interromperam o curso ou algumas disciplinas temporariamente, outras pensaram, muitas vezes, em desistir de cursar definitivamente.

Mas apesar dos inúmeros desafios vivenciados diariamente, elas se mostram persistentes e a maioria continua a caminhada. Dessa forma, tivemos o interesse em entrevistar algumas alunas da primeira turma do curso de Pedagogia no Campus Professor Alberto Carvalho da UFS, com o intuito de conhecer como deu-se sua trajetória na época e a relação com as dificuldades enfrentadas atualmente por dezenas de acadêmicas, futuras pedagogas. Lembrando que trajetória significa o caminho percorrido/vivenciado por algo ou alguém, e ao relembrar esses momentos vivenciados. Bueno et al (1993, p.316) enfatiza que “A história de vida permite um olhar sob outra perspectiva, além de contextualizar o momento presente, dando sentido novo ao caminho já percorrido [...]”.

Outro motivo que me levou a escolha dessa temática foi a curiosidade em conhecer o processo de implantação do curso de Pedagogia da UFS, no campus de Itabaiana. Percebemos que este assunto é abordado superficialmente durante a graduação, sendo tal conhecimento importante para a formação dos estudantes como sujeitos que pertencem a um lugar com suas singularidades. Sendo assim, muitos alunos/as se formam sem conhecer o processo histórico que resultou na criação da instituição e na implementação do curso do qual faz parte.

Nesse sentido, acreditamos que os resultados desta pesquisa poderão contribuir significativamente para que a comunidade acadêmica, especialmente os/as alunos/as e docentes do curso de Pedagogia, conheçam as dificuldades vivenciadas pelas mulheres universitárias que desempenham diversas funções somadas ao desafio de conciliar os estudos com sua vida pessoal e profissional. Espera-se que possamos sensibilizar e refletir sobre meios para que essas estudantes tenham bom desempenho acadêmico de forma que consigam

² É importante ressaltar que autora participou dos seguintes programas de formação inicial docente ao longo da sua graduação em Pedagogia: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) entre os anos de 2017 e 2018, coordenado pela Profa. Dra. Maria Jeane dos Santos Alves e supervisionadas pelas professoras Maracy Pereira e Gilza Passos Lima, e o Programa Residência Pedagógica (PRP) entre 2018 e 2020 coordenado pela Profa. Dra. Roselusia Teresa de Moraes Oliveira e supervisionado pela professora preceptora Joélica Azevedo de Andrade, ambos desenvolvidos na Escola Estadual Eliezer Porto situada na cidade de Itabaiana/SE. Inclusive foi através desta última experiência de formação inicial docente que tive a oportunidade de conhecer o Professor Alisson Santos Costa, um dos preceptores do PRP, que me indicou e forneceu o contato das alunas da primeira turma do curso de Pedagogia do campus da UFS em Itabaiana/SE.

concluir o curso sem que seja necessário renunciar seus projetos profissionais, domésticos e/ou acadêmica. Posto isto, a monografia trata de aspectos das trajetórias de mulheres que desenvolveram dupla jornada de trabalho enquanto frequentavam a universidade, tornando assim uma tripla jornada, e colocando em evidência as estratégias de conciliação entre essas três dimensões: estudo, trabalho e afazeres domésticos.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram analisados os escritos de autores que abordam sobre a temática discutida. Como referencial teórico para as discussões da monografia dialogamos com Louro (2008), no tocante à história das mulheres e como se deu sua inserção na sala de aula; Fagundes (2005) analisa aspectos do processo de escolha profissional das mulheres pedagogas, e como o magistério tornou-se uma carreira feminina; Almeida (1998), discute sobre a mulher no magistério, a paixão pelo possível, já que esta era considerada uma continuação da maternidade; Rabelo e Martins (2006) discorre sobre a história da mulher no magistério e sobre a feminização do magistério.

A história das mulheres é marcada por lutas por igualdade, seja ela em qualquer âmbito social, e não é diferente quando trata-se de educação e profissionalização desses sujeitos. Louro (1995. p.103) diz que para obtermos uma compreensão mais ampla sobre gênero é necessário que “pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado e dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade)”. Logo, a palavra gênero refere-se ao conjunto de práticas sociais que envolve a ideia de formação dos sujeitos que estabelecem normas e padrões a serem seguidos. Desse modo:

[...] é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são ‘generificadas’, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos. (LOURO. 1995, p. 103)

Assim, pode dizer-se que nossa sociedade trata a questão do gênero “naturalmente” em todos os ambientes sociais, criando um modelo de divisão social, a qual determina o que cada gênero deve ou não fazer desde o nascimento, de forma que as pessoas não contestem, não se oponham. Nesse sentido, é necessário desconstruirmos e desmitificarmos padrões, para assim construirmos uma sociedade menos hierarquizante. Para Carla Bassanezi:

A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse seus caminhos, estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que outras pessoas fossem, assim desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe e dona de casa exemplar. (BASSANEZI, 2008, p.609)

Diante da afirmação da autora, percebe-se como esta concepção é resultante de uma construção cultural, não sendo decorrentes de dados biológicos, ou seja, biologicamente a mulher é um indivíduo tão capaz de produzir e se desenvolver quanto o homem, porém a sociedade impõe padrões que muitas vezes se caracterizam como seres incapazes e vulneráveis. Para Margarete Rago:

Muitos acreditavam, ao lado dos teóricos e economistas ingleses e franceses, que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar; além do que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade. (RAGO, 2008, p.585)

Portanto, cabia à mulher atividades “naturais” para seu sexo, como costurar, bordar, cuidar da casa, do marido e dos filhos, sendo assim não precisaria de educação formal, isso significa que ao longo de diferentes momentos da história ocidental, a mulher foi identificada como frágil, transformada numa figura passiva, sem levar em consideração suas habilidades, progressos e avanços, uma visão preconceituosa construída socialmente através de discursos vazios, que a consideravam um ser indefeso, fadada a viver em função do homem. É evidente que as mulheres passaram por um processo histórico de diversas transformações significativas, as quais proporcionaram a autonomia em lutar por espaço em diferentes contextos sociais.

Com a consolidação do sistema capitalista, ocorreram mudanças no lugar social da mulher em diferentes contextos sociais - entre elas uma maior inserção de pessoas menos abastadas na educação escolarizada. Nesse sentido, o magistério foi um caminho importante para as mulheres ingressassem no mercado de trabalho e conquistarem uma carreira profissional de modo que conciliassem a vida profissional aliada a outras funções sociais. Nas palavras de Guacira Lopes Louro, pode-se entender que:

Dizia-se, ainda, que o magistério era próprio para mulheres porque era um trabalho de "um só turno", o que permitia que elas atendessem as obrigações

domésticas" no outro período. Tal característica se constituiria em mais um argumento para justificar o salário reduzido - supostamente, um "salário complementar". Com certeza não se considerava as situações em que o salário das mulheres era fonte de renda indispensável para a manutenção das despesas domésticas. (LOURO. 2008. p. 453-454)

Com isso, consideravam que a mulher tinha por natureza “vocação” sendo biologicamente apta para o magistério, como enfatiza Bruschini e Amado (1988), somente as mulheres tinham o jeito e a capacidade de socializar com as crianças. Nesse sentido, o ensino era visto como extensão das funções maternas, logo “o magistério primário, desde o século passado, começou a ser considerado profissão feminina por excelência.” (BRUSCHINI; AMADO, 1988, p.5). Outro fator que proporcionou a feminização do magistério foram os baixos salários, afastando cada vez mais a presença masculina desse campo profissional.

Diante do exposto, a presente monografia desenvolveu-se pelas seguintes etapas: inicialmente foi realizada a análise bibliográfica por meio de consultas à livros na biblioteca da UFS, sites acadêmicos (artigos, teses, dissertações) que disponibilizassem obras que abordam a história da educação e o ensino superior no Brasil, sobretudo em Sergipe, bem como a história das mulheres e sua respectiva inserção no magistério. A segunda, constituiu-se em uma pesquisa qualitativa de campo, sobre aspectos da trajetória de mulheres estudantes do curso de Pedagogia da UFS, com a realização de entrevista à três ex-alunas da primeira turma (2006 e 2011). E por último, realizamos a análise dos depoimentos em consonância com as leituras efetuadas.

Por conseguinte, a história social das mulheres, sua inserção no magistério e o surgimento do ensino superior em Sergipe foram as bases preliminares desta pesquisa que contribuíram, significativamente, para a compreensão dos passos iniciais do curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho. Assim, realizamos um estudo qualitativo, caracterizado por Creswell (2014) como uma pesquisa que envolve maior atenção à natureza interpretativa da investigação dos estudos sociais e humanos. Para o referido autor a pesquisa qualitativa:

[...] começa com pressuposto e o uso de estruturas interpretativas/teóricas que informam o estudo dos problemas da pesquisa, abordando os significados que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. Para estudar esse problema, os pesquisadores qualitativos usam uma abordagem qualitativa da investigação, a coleta de dados em um contexto natural sensível às pessoas e aos lugares em estudo e a análise dos dados que é tanto indutiva quanto dedutiva e estabelece padrões ou temas. O relatório final ou a apresentação incluem as vozes dos participantes, a reflexão do pesquisador, uma descrição complexa e interpretação do

problema e a sua contribuição para a literatura ou um chamado à mudança. (CRESWELL, 2014. p.50)

Esse tipo de análise possibilita ao/a pesquisador/a diferentes formas de coleta de dados (entrevista, observações e documentos), exige também habilidades de raciocínio e reflexão durante todo o processo da pesquisa, principalmente nos relatos que o pesquisado apresenta. Dentro dessa perspectiva metodológica, desenvolvemos a pesquisa, cujo resultados são aqui apresentados, buscando aliar as estruturas interpretativas com as vozes dos sujeitos estudados. De acordo com Creswell:

[...] uma abordagem qualitativa na qual o investigador explora um sistema delimitado contemporâneo da vida real (um caso) ou múltiplos sistemas delimitados (casos) ao longo do tempo, por meio da coleta de dados em profundidade envolvendo múltiplas fontes de informações (p. ex, observações, entrevistas, material audiovisual, documentos e relatórios) e relata uma descrição do caso e temas do caso.” (CRESWELL, 2014. p.86).

Nesse sentido, a escolha dessa metodologia deu-se por se tratar de um caso específico, pois partirá pela busca de informações com os próprios sujeitos por meio de uma entrevista e de relatos orais de suas vivências acadêmicas, buscando compreender sua complexidade e adversidade. De acordo com os estudos de Amado Ferreira (2016), a fonte oral é o material recolhido por um/a historiador/a para coletar informações consideradas necessárias para sua pesquisa, em função de suas hipóteses e objetivos.

Para Pádua (1998, p.64), “[...] as entrevistas constituem uma técnica alternativa para se coletar dados não documentados, sobre um determinado tema.”. Com isso a coleta de dados desta pesquisa dar-se por meio de uma entrevista com a elaboração de perguntas abertas. Esse tipo de questionário exige “[...] uma resposta pessoal, espontânea do informante, trazem dados importantes para uma análise qualitativa, pois as alternativas de respostas não são previstas, como no caso das perguntas fechadas.” (PÁDUA, 1998, p.64).

A análise desses depoimentos foi crucial para a efetivação da pesquisa por fornecer elementos que consubstanciam as análises em prol dos objetivos desta monografia. A entrevista semiestruturada estabelece uma relação amigável com o entrevistado, possibilitando ao pesquisador selecionar os pontos mais importantes para efetivação da sua pesquisa.

Para desenvolver esse trabalho, foi necessário buscar mulheres que integraram a primeira turma de Pedagogia da UFS Campus Professor Alberto Carvalho de Itabaiana. Foi através da participação do Programa Residência Pedagógica que um dos professores que

atuava como preceptor, ao saber das minhas ideias de pesquisas relatou conhecer algumas das egressas mencionadas, e se dispôs a me ajudar na localização. A partir daí me inseriu em um grupo de amigos do WhatsApp com algumas dessas mulheres, sendo assim o primeiro momento foi a partir do contato telefônico com mensagens e ligações via WhatsApp sobre o objetivo da pesquisa e a busca por possíveis entrevistadas que atendessem ao critério de ser mulher que exercia a tripla jornada ao longo da graduação, em seguida o agendamento da entrevista conforme local e horário disponíveis para os sujeitos.

À vista disso, foram entrevistadas três estudantes³ residentes da cidade de Itabaiana/SE, que exerciam atividades de trabalho dentro e fora de casa, e ingressaram no curso de Pedagogia em 2006, concluindo em 2011. Para a realização dessas entrevistas⁴ foi elaborado uma série de questões orientadas de acordo com os objetivos da pesquisa. No primeiro bloco as primeiras cinco questões versam sobre a vida pessoal, escolar e familiar antes do período de graduação; o segundo conjunto foca nas razões que as levaram a ingressar no ensino superior e quais os motivos para a escolha do curso de Pedagogia noturno, já o terceiro bloco trata sobre os desafios e as estratégias para conclusão do curso.

A escolha da temática deu-se justamente por já conhecer relatos de alunas do curso de Pedagogia que retratam os desafios durante o período de graduação e a partir da minha própria experiência como já foi mencionado anteriormente. Desse modo, pensou-se em trabalhar com as egressas da primeira turma por essas serem as primeiras alunas do Campus a enfrentarem esses desafios, e, também por não conseguir localizar nenhum trabalho que trate dessas questões no curso de Pedagogia do campus de Itabaiana/SE e seus passos iniciais.

É importante esclarecer que, a princípio, o objetivo era entrevistar um número maior de alunas dessa primeira turma para que tivéssemos um conjunto amplo de dados, relacionados a outros objetivos, almejados inicialmente no projeto de pesquisa. Contudo, por conta do grande desafio que o mundo inteiro enfrenta no ano de 2020, que é a pandemia do “COVID-19”, foi necessário interromper as entrevistas, inclusive as que já haviam sido previamente marcadas. Nesse sentido, já havia cinco participantes agendadas, mas somente três entrevistas foram concretizadas.

A seguir, expomos um quadro com as principais características das participantes da pesquisa, cujos nomes são fictícios para preservar a identidade. Optamos por nomeá-las

³ É importante destacar que todas as participantes foram informadas sobre a finalidade da pesquisa, e cientes de que poderia a qualquer momento desistir da entrevista, inclusive assinaram e obtiveram uma cópia do termo de compromisso disponível no Apêndice A, bem como o roteiro da entrevista que consta no apêndice B.

⁴ As entrevistas transcritas encontram-se disponíveis no Apêndice C.

homenageando mulheres que contribuíram, significativamente, para a educação em diferentes perspectivas, como Emília Ferreiro, Hannah Arendt e Maria Montessori:

Quadro 1: Perfil das entrevistadas.

Nome	Idade	Composição familiar na época da graduação	Profissão ao cursar	Profissão após o curso.
Hannah	34 anos	Solteira morava com as irmãs.	Atendente de caixa de supermercado	Coordenadora em universidade privada
Emília	32 anos	Solteira morava com os pais	Recepcionista em clínica laboratorial	Assistente administrativo de distribuidora
Montessori	54 anos	Casada, 2 filhos.	Servidora municipal (agente de limpeza)	Servidora municipal (agente de limpeza)

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir da coleta de dados da presente Monografia.

Diante do quadro, nota-se que as idades das participantes são muito diferentes, englobando pessoas que saíram recentemente do ensino médio e outra com um grande distanciamento dessa modalidade até seu ingresso na universidade. Todas possuíam um emprego formal, sendo duas solteiras e uma casada. Nessa perspectiva, buscamos demonstrar como foi possível a esse grupo de mulheres estudantes do curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho conciliar o trabalho formal, o trabalho doméstico, atenção à família e à universidade.

Quanto à organização, esta monografia divide-se em cinco partes. Na Introdução, é apresentado o objeto de estudo, a problemática, os objetivos, a justificativa, os procedimentos metodológicos utilizados, o referencial teórico e as contribuições deste trabalho para o campo da educação. A segunda seção aborda a história da criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS) em 1950, seu funcionamento e o processo de desmembramento, incorporando-a a UFS em 1968. Além disso, serão apresentados aspectos da trajetória do

primeiro curso de Pedagogia no Brasil e em Sergipe, chegando até a criação e instalação do Campus de Itabaiana, em 2006.

A terceira seção discute a representação feminina construída historicamente e socialmente, a partir dos aspectos de fragilidade e pela concepção doméstica de boa esposa, boa mãe e dona de casa. Trata ainda, de maneira sintética, do ingresso da mulher na universidade e no campo do magistério.

A quarta seção traz uma análise dos depoimentos sobre a trajetória de três ex-alunas da primeira turma do curso de Pedagogia (UFS) do Campus Professor Alberto Carvalho. Esta última seção ocorre a partir de três eixos de análise: A jornada para além das aulas no curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho (UFS); O curso de Pedagogia aprendizagens e reverberações para além da sala de aula e Estratégias para conclusão do curso superior: renúncias e desafios.

Por fim, apresentamos as considerações finais, três apêndices com o termo livre esclarecido, o roteiro com as questões utilizadas e a transcrição das entrevistas, além dos anexos com a lista dos/as alunos/as ingressantes no curso de Pedagogia em 2006, como também imagens da colação de grau das primeiras pedagogas do Campus Professor Alberto Carvalho da UFS em 2011.

2. ASPECTOS HISTÓRICOS DO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL E EM SERGIPE

Esta seção aborda a história da criação e instalação do curso de Pedagogia em Sergipe. É importante destacar que a primeira instituição a ofertar cursos do magistério em nível superior no Estado foi a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS), a partir de 1951. Esta era dirigida pelo padre Luciano José Cabral Duarte da arquidiocese de Aracaju. Devido à falta de verbas, foi necessário o apoio do Governo Federal, passando a partir de 1968 a integrar a Universidade Federal de Sergipe (UFS), instalada neste mesmo ano.

O curso de Pedagogia foi instalado ainda na FCFS, mas a implantação do curso ocorreu somente em 1968. Quase quatro décadas depois de sua fundação, em 2006 instituiu-se o campus Professor Alberto Carvalho na cidade de Itabaiana. O campus conhecido por ofertar, majoritariamente, cursos de licenciatura, ofertou desde o início o curso de Pedagogia. Sobre tais aspectos trataremos na presente sessão.

2.1 A Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e o Curso de Pedagogia

À luz dos estudos de Oliveira (2011b), é possível perceber que em Sergipe, o primeiro curso superior de formação de professores/as instaurou-se somente no século XX, mais precisamente na década de 1950, com a criação da FCFS, mediante acordo entre membros da arquidiocese de Aracaju e o governo do estado, José Rollemberg Leite (1947-1951). O Estado cedia uma quantia anual para financiamento de recursos necessários para sua existência, já o padre Luciano Cabral Duarte ficava responsável pelo funcionamento e estruturação da antiga FAFI.

Segundo Oliveira (2017), durante a década de 1930 a 1940 em Sergipe, o curso normal, o qual fazia parte do ensino secundário, era responsável pela formação de professores/as para atuar no ensino primário. Nesse sentido, Louro (2018) expõe que as escolas normais foram criadas a partir da preocupação com a falta de mestres formados, e essa foi a primeira iniciativa no país destinada a formação de professores/as para que atendesse a demanda escolar. Como enfatiza Saviani:

A partir [...] do século XIX, a necessidade de universalizar a instrução elementar conduziu à organização dos sistemas nacionais de ensino. Estes, concebidos como um conjunto amplo constituído por grande número de escolas organizadas segundo um mesmo padrão, viram-se diante do problema de formar professores, também em grande escala, para atuar nas referidas escolas. E o caminho encontrado para equacionar-se essa questão foi a criação de Escolas Normais, de nível médio, para formar professores primários, atribuindo-se ao nível superior a tarefa de formar os professores secundários. (SAVIANI, 2012, p. 7)

Dessarte, a partir de 1940 ocorreu a expansão no número de escolas, tanto na capital como no interior, representando um avanço em relação ao processo educativo no Estado. Nesse sentido, uma parcela da população conquistou a oportunidade de estudos e consequentemente de trabalho. Em virtude desse crescimento, surgiu uma maior preocupação com a qualidade do ensino e a formação de professores/as que pudessem atuar nessas instituições. Como aborda Oliveira:

[..] a qualidade do ensino não conseguia acompanhar esse crescimento quantitativo, pois muitos professores não apresentavam a formação pedagógica necessária para desenvolver a docência. Além disso, o número de professores diplomados no curso Normal não conseguia suprir as necessidades das escolas primárias, o que consequentemente favorecia o ingresso de professores leigos nessas instituições. (OLIVEIRA, 2017, p.31)

De maneira análoga, tornou-se necessário a formação de professores/as em nível superior para atender a demanda da criação de novas escolas em Sergipe, resultando na criação da FAFI, já que não havia nenhum curso superior que preparasse o professor para atuar nos diferentes níveis de ensino. Essa iniciativa oportunizou aos jovens de classe menos favorecidas a chance de concluir e obter um diploma acadêmico, como consta no jornal citado por Nayara Oliveira (2017):

Uma Faculdade de Filosofia preencheria essa lacuna, preparando professores para todas essas escolas. Que adianta abrir ginásios, instalar escolas normais, ampliar os nossos estabelecimentos de ensino, se, na verdade, apesar dos grandes mestres de que dispomos não temos professores em número suficiente e com capacidade didática e intelectual para o desempenho de todas as tarefas que hão de ser distribuídas? Lancemos, pois a base de uma Faculdade de Filosofia, e tenhamos a coragem de realizá-la, com desprendimento e estoicismo para o desenvolvimento e para o renome do ensino em terras de Tobias Barreto e de Fausto Cardoso. (SERGIPE - JORNAL, 29/03/1950 *apud.* OLIVEIRA, 2017, p.31)

Nesse sentido, foi criada uma Faculdade de Filosofia no Estado de Sergipe destinada à formação de docentes em nível superior para atender a demanda das escolas. Nesse sentido, eram necessários mais mestres que possuíssem formação docente para elevar a qualidade do ensino e atender o crescimento no número de escolas no Estado.

De acordo com os estudos de Oliveira (2011b), devido a sua vinculação com a arquidiocese da capital sergipana, a faculdade foi denominada como Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. A princípio, tinha como propósito formar professores/as para o ensino secundário e aperfeiçoar a carreira docente, ofertando cursos de bacharelado e licenciatura em diversas áreas. É importante enfatizar que essa faculdade foi criada por meio de uma parceria firmada entre o Estado e a Igreja Católica. Sendo assim:

O envolvimento com a Diocese foi estabelecido a partir de um acordo entre o governador José Rollemberg Leite (1947-1951) e o bispo Dom Fernando Gomes, no qual o Governo garantia uma subvenção anual de cem mil cruzeiros (Cr\$ 100.000,00) a Diocese se responsabilizava pela criação e funcionamento da faculdade. (OLIVEIRA, 2011b. p.14-15)

Para o funcionamento da faculdade, foi necessária a autorização via decreto pelo Governo Federal. Nesse sentido, somente em março de 1951 foi publicado o decreto nº 29/311, assinado pelo presidente Getúlio Vargas e Ernesto Simões Filho, ministro da Educação e Saúde Pública, autorizando o funcionamento dos cursos de Pedagogia, Filosofia, Geografia e História, Letras Anglo Germânicas e Matemática. Porém o curso de Pedagogia só passou a funcionar em 1968.

Embora o funcionamento do curso de Pedagogia tivesse sido autorizado pelo Governo Federal, não foi possível concretizar sua instalação até 1967, em razão da falta de recursos financeiros da unidade de ensino e à baixa procura dos candidatos, que, por motivos da precária remuneração do magistério não se sentiram empolgados para ingressar nessa carreira. Giselda Moraes, ex-professora da FCFS, acrescentou que nesse período não havia professores especializados em Sergipe para atuar no ensino das disciplinas obrigatórias desse curso (MORAIS, 2009 *apud*. OLIVEIRA, 2011b. p.105)

Partindo deste pressuposto, nem todos os cursos funcionaram na década de 1950, devido à falta de verbas para a sua manutenção, como também pelas dificuldades em encontrar professores/as para lecionar nas disciplinas. Nesse contexto, entende-se que um dos motivos que acarretaram a falta de alunos/as era a baixa remuneração dos/as professores/as e o fato do curso ser oferecido apenas no período noturno.

Ainda conforme João Paulo Oliveira (2011a), é significativo destacar que a FCFS oferecia curso para bacharelado com duração de três anos e para aqueles que desejassem obter o diploma de licenciado, deveriam cursar mais um ano com a realização do curso de Didática. Esse sistema seguia os padrões Federais curriculares da época, chamado de sistema 3+1. De acordo com Dermeval Saviani:

Todos os cursos da Faculdade Nacional de Filosofia e, dado seu caráter de modelo padrão, também das demais faculdades de filosofia, ciências e letras instaladas no país, organizaram-se em duas modalidades: o bacharelado, com a duração de três anos, e a licenciatura. O curso de Pedagogia foi definido como um curso de bacharelado ao lado de todos os outros cursos das demais seções da faculdade. O diploma de licenciado seria obtido por meio do curso de didática, com a duração de um ano, acrescentado ao curso de bacharelado. Está aí a origem do famoso esquema conhecido como '3+1'. (SAVIANI, 2012. p.35)

É importante lembrar que o curso de Didática só passou a funcionar em 1954 com turma mista, compreendendo alunos/as de diferentes cursos, como Geografia e História, Matemática, Letras e Filosofia, pois disponibilizava diploma de licenciatura para todas as outras graduações. Contudo, o curso de Pedagogia só passou a funcionar durante o último ano da FAFI em 1968. Assim, em 28 de fevereiro de 1967 foi criada a UFS através do Decreto-Lei nº. 269, mas a incorporação da Faculdade de Filosofia e o curso de Pedagogia deu-se somente em 30 de abril de 1968. A implantação da UFS ocorreu efetivamente no dia 15 de maio do mesmo ano. Vale lembrar que o curso de Pedagogia funcionou ainda na FAFI, mas a primeira turma se formou em 1971, na UFS.

Com a incorporação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FAFI) à Universidade Federal de Sergipe, e com o desmembramento dessa Faculdade em outras três unidades, dentre elas a Faculdade de Educação, fez-se necessária a transferência do então curso de Pedagogia da FAFI para a nova Faculdade de Educação da UFS. Após 10 anos de funcionamento (1968-1978), a Faculdade de Educação foi transformada em Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, e a graduação em Pedagogia foi inserida nessa nova unidade acadêmica. (OLIVEIRA, 2017. p.18)

Torna-se necessário destacar que mesmo após o desmembramento não houve muitas mudanças, João Paulo Oliveira (2011a. p.20) afirma que a criação da UFS não significou o fim da FAFI “Esta funcionou no mesmo prédio, mudando apenas a denominação”. Deste modo, por mais de uma década, os institutos receberam nomes apenas de maneira formal e a FCFS ainda permanecia viva na memória dos seus/suas alunos/as, professores/as e sociedade

sergipana como "antiga FAFI" ou a 'antiga Faculdade de Filosofia'." (OLIVEIRA, 2011a. p. 20). Isso aconteceu inclusive para os/as alunos/as do curso de Pedagogia, pois no início de sua instalação os estudantes continuaram no mesmo prédio, mesmos professores, disciplinas e até os horários das aulas.

Segundo Dermeval Saviani, o currículo do primeiro curso de Pedagogia no Brasil ficou estruturado da seguinte forma:

- 1º ano: Complementos de matemática; história da filosofia; sociologia; fundamentos biológicos da educação; psicologia educacional.
- 2º ano: Psicologia educacional; estatística educacional; história da educação; fundamentos sociológicos da educação; administração escolar.
- 3º ano: Psicologia educacional; história da educação; administração escolar; educação comparada; filosofia da educação. (SAVIANI, 2012. p.35)

Como os outros cursos oferecidos pela faculdade, o curso de Pedagogia formava a título de bacharel "técnico em educação", com duração de 3 anos e para torna-se licenciado era necessário estudar mais um ano do curso de Didática. Estrutura semelhante ao que foi identificado por Oliveira (2011a. p. 4) no primeiro curso de Pedagogia de Sergipe: "O curso de Didática correspondia ao '+1' do chamado '3+1', no qual os discentes estudavam três anos para obter o título de bacharel, que somado a um ano de licenciatura, os tornariam licenciados."

O curso de didática, com duração de um ano, compunha-se das seguintes disciplinas: didática geral; didática especial; psicologia educacional; fundamentos biológicos da educação; fundamentos sociológicos da educação; administração escolar. Assim, no caso do bacharel em Pedagogia, para obter o título de licenciado, bastava cursar didática geral e didática especial, uma vez que as demais já faziam parte de seu currículo de bacharelado. (SAVIANI, 2012, p.35)

Na década de 1960 algumas alterações foram realizadas em relação a estrutura do curso com a aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1961 e com o Parecer n. 252 aprovado pelo CFE em 1962, elaborado pelo Conselheiro Valnir de Chagas. O curso passou a ter duração de quatro anos, englobando tanto o bacharelado quanto a licenciatura, sem separação, sendo a formação do técnico em educação integrado e dissociado da docência e não mais como cursos distintos tratados separadamente, extinguindo nesse caso o esquema 3+1.

É importante destacar que o curso de Pedagogia surgiu devido à necessidade de formação de professores/as em nível superior, em substituição às escolas normais. Por muito tempo para seguir a carreira de professor era necessário somente obter o curso normal de ensino secundário, mas a partir 1947 uma nova legislação impôs a preparação desses mestres com outra formação. No caso de Sergipe, ocorreu a implantação da FCFS em 1951, a qual foi incorporada à UFS no final da década de 1960, juntamente com o primeiro curso de Pedagogia.

A história da criação do curso de Pedagogia evidencia que este sofreu diversas modificações, tanto em nomenclatura, que antes chamava-se curso Superior Normal, quanto em sua grade curricular, que com duração de 3 anos formava em bacharel e com mais um ano de disciplinas da área de Didática formava o licenciado.

A criação da Universidade Federal de Sergipe para a qualidade do ensino e a profissionalização dos docentes no Estado é notável. No caso dos profissionais da Pedagogia, é relevante destacar, para a formação desses sujeitos, os primeiros passos da única universidade pública sergipana. Quase quatro décadas depois de criada, a UFS implementou o seu primeiro campus no interior do Estado, trata-se do Campus Professor Alberto Carvalho, localizado na cidade de Itabaiana/SE, junto com ele também foi instalado o curso de Pedagogia.

2.2 A criação do Campus Universitário Professor Alberto Carvalho da cidade de Itabaiana/SE

A UFS foi instalada em 15 de maio de 1968, com o objetivo de manter as faculdades isoladas, as quais apresentavam dificuldades financeiras, e formar uma elite intelectual capaz de atuar em diferentes funções e áreas do conhecimento (Medicina, Química, Odontologia, Direito). Hoje ela se faz presente nos municípios de Itabaiana, Laranjeiras, Aracaju, Lagarto e São Cristóvão, sendo este o seu primeiro campus em Sergipe. Como o centro da investigação é o curso de Pedagogia do campus Universitário Professor Alberto Carvalho, é importante enfatizar que este campus foi inaugurado em 14 de agosto de 2006, criado dentro da política de expansão e interiorização das universidades no país.

O Campus de Itabaiana fora construído sobre o antigo CAIC⁵ (Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente). Desde sua criação já passou por reformas, como também a construção de mais um bloco, alguns anexos, expansão de salas de aulas e o restaurante universitário (RESUN). No decorrer de seus 14 anos, o Campus contribuiu para a realização dos sonhos de muitas pessoas, possibilitando aos jovens do interior o acesso a um ensino superior público mais próximo, beneficiando a produção do conhecimento e a formação de professores/as e bacharéis.

O referido campus, na sua criação, contava com 500 vagas ofertadas por meio de vestibular. A partir de 2013, o processo de inauguração foi modificado com a implantação do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Em 2020, conta com mais de 2 mil alunos/as e é considerado o campus eminentemente das licenciaturas, ofertando dez cursos de graduação, sendo sete de licenciaturas (Ciências Biológicas, Física, Geografia, Matemática, Química e Pedagogia) e três bacharelados (Administração, Ciências Contábeis e Sistema de Informação). O campus oferta também a formação continuada de professores/as da rede pública em pós-graduação, mestrados profissionais em Letras (Profletras) e Matemática (Profmat) além do mestrado acadêmico em Ciências Naturais.

É indubitável a importância do Campus Professor Alberto Carvalho para a população do Agreste do Estado de Sergipe. A sua criação possibilitou a abertura de novos horizontes, a realização de sonhos de pessoas de classes menos privilegiadas e a proximidade da população do interior com o ensino superior, facilitando, assim, o acesso de muitos estudantes à universidade, entre eles mulheres trabalhadoras que viram a possibilidade de cursar o ensino superior em uma universidade pública, sem grandes deslocamentos diários.

⁵ De acordo com os estudos de Lima (2017) o CAIC foi fundado em 1994 e oferecia o ensino fundamental nos turnos matutino, vespertino e noturno, a partir de 1996 foi implantado também a Educação Especial no período matutino e vespertino, trocando de prédio em 2005, cedendo espaço para instalação da Universidade Federal de Sergipe. Após a troca o CAIC passou a funcionar em um prédio alugado por certo período.

3 BREVE DISCUSSÃO SOBRE A INSERÇÃO DA MULHER NO MAGISTÉRIO

Esta seção trata, sinteticamente, de alguns aspectos da inserção da mulher na educação escolar e seu ingresso no mercado de trabalho. Para Rago:

Os pais desejavam que as filhas encontrassem um ‘bom partido’ para casar e assegurar o futuro, e isso batia de frente com as aspirações de trabalhar fora de casa e obter êxito em suas profissões. Não socializar informações importantes era uma boa estratégia, e os homens se valiam dela procurando preservar seu espaço na esfera pública e desqualificar o trabalho feminino. (RAGO, 2008. p.582)

Segundo Cruz (2005), este fato é decorrente do modelo histórico familiar que o Brasil segue, ditado na cultura romano-cristã, apresentando estruturas arcaicas de poder, marcadas pela organização patriarcal, na qual a mulher deve se sujeitar à autoridade da figura masculina sendo ele o pai, irmão marido o “chefe da família”.

Na contemporaneidade, a mulher vem conquistando paulatinamente seu espaço em algumas áreas como é o caso da docência, contudo ainda existem terrenos extremamente inóspitos, a exemplo da Política. A mulher contribui, significativamente, para o processo de desenvolvimento da sociedade, elevando assim as lutas por direitos e igualdade em todas as áreas, inclusive no processo educacional. De acordo com os estudos de Louro (2008), as mulheres já frequentavam a sala de aula no Brasil na década de 1830 com o surgimento das primeiras escolas, fundadas por religiosos. O ensino compreendia a divisão de sexo masculino e feminino, em que professores/as leigos lecionavam, sendo que professora lecionava apenas em sala de meninas e professor em sala de meninos.

Vale ressaltar ainda que ensinava-se a doutrinar, a ler, a escrever e a realizar as quatro operações-padrão. Já nessa época, era evidente a distinção do ensino, as meninas tinham menos disciplinas cursadas do que os meninos. Aos meninos ensinavam noções de geometria, para serem chefes da família, já às meninas dedicavam-se a ensinar a bordar e a costurar, elementos essenciais para tornarem-se boas esposas. Segundo Fagundes (2005, p. 13), “No Brasil, por tradição, mulheres e homens recebem educação diferenciada, não em respeito às diferenças individuais, mas como uma espécie de marca ou rótulo que os tornam desiguais e lhes destinam lugares e papéis distintos na sociedade”. O que resultou, conseqüentemente, na desigualdade salarial devido à diferença curricular entre homens e mulheres, neste sentido torna perceptível que o ensino para ambos os gêneros na época, não foi um processo único, muito menos universal. Para Almeida,

[a]s mudanças sociais que a industrialização e a urbanização crescentes estavam favorecendo, a emergência do movimento feminista e suas reivindicações por direitos políticos, educacionais e profissionais levaram as mulheres a vislumbrar no magistério um espaço profissional que se adequasse ao que delas se esperava em termos sociais e àquilo de que realmente precisavam para ir ao encontro de um futuro com mais independência e menos opressão. (ALMEIDA, 1998. p. 74)

São traços de uma história com muitos capítulos ainda por serem escritos, com muitas lutas conquistadas e tantas por travar. Observa-se que o magistério foi um espaço social angariado, mas com muito a ser feito, inclusive no ensino superior.

No Brasil, a inserção da mulher no magistério se deu a partir do século XIX com a criação das escolas normais. Essa inserção no magistério ocorreu devido à concepção de considerá-la, na época, um trabalho para àquelas que possuíssem vocação em “cuidar de crianças”, já que esta atividade era considerada uma extensão da maternidade. Segundo Rabelo e Martins (2006, p.6168), durante muito tempo a educação “[...] era função estritamente masculina: os alunos eram do sexo masculino e o ensino era exercido principalmente por religiosos (por padres, como os jesuítas) e por homens que estudavam e eram contratados como tutores pelas pessoas com melhores condições financeiras”

É sabido também, que essa inserção da mulher na educação escolar foi motivada pela desvalorização do magistério e aos baixos salários dos/as professores/as, pois pagar pouco era um discurso destinado às mulheres, já que essas não tinham “obrigação de sustentar a família”. Dessa forma, afastava o desejo dos homens a seguir essa carreira, conduzindo-os a profissões mais notáveis e com mais prestígio “[a]final, o sustento da família caberia a eles. O trabalho externo para ele era visto não apenas como sinal de sua capacidade provedora, mas também como um sinal de sua masculinidade” (LOURO, 2018. p.453). Nayara Oliveira trata do tema da seguinte forma:

[...] as circunstâncias que determinaram o processo de feminização do magistério foram marcadas por atitudes preconceituosas, como diferenças salariais, curriculares e o conceito de “vocação”, induzindo as mulheres à escolha de profissões menos valorizadas socialmente em face das profissões masculinas. (OLIVEIRA, 2011b. p.62)

A “vocação” é um termo, historicamente, construído pela sociedade, a qual naturalizou-se um discurso generalizante que concebe um conjunto de certas habilidades e aptidões para o magistério. Segundo Rabelo e Martins (2006, p. 6168), essa associação de ter um “dom” ou a uma “vocação” feminina “baseia-se em explicações que relacionam o fato de a mulher gerar em seu ventre um bebê com a “consequente função materna” de cuidar de

crianças; função esta, que seria ligada à feminilidade, à tarefa de educar e socializar os indivíduos durante a infância. Posto isto, a mulher deveria seguir seu “dom” ou sua “vocação” para a docência, naturalizando o discurso de que a Pedagogia é um curso destinado às mulheres, uma profissão adequada à identidade feminina por associar as características de feminilidade, por possuírem habilidades em lidar com crianças, por serem mães dedicadas, carinhosas, por serem gentis, pacientes, amorosas e criativas:

[...] as mulheres tinham, ‘por natureza’, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e ‘naturais educadoras’, portanto, nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, ‘a extensão da maternidade’, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha ‘espiritual’. O argumento parecia perfeito: à docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado com atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquela tivessem ‘vocação’. (LOURO, 2008. p. 450)

Logo, o magistério era tido como uma conciliação entre as atividades profissionais e as domésticas, ou melhor, uma extensão do espaço doméstico. Conforme assinala Rabelo e Martins (2006), o magistério seria o caminho possível para a maioria das mulheres pois, “até os anos de 1930, era um dos poucos trabalhos considerados digno e que podia ser atrelado às tarefas domésticas. A sua instrução deveria ser ‘aproveitada’ pelo marido e pelos filhos, portanto, teria que estar atrelada às atividades do lar.” (RABELO; MARTINS, 2006. p.6172), já que o ensino primário seria uma extensão da formação moral e intelectual recebida em casa, nesse sentido, deveria ser desempenhada com amor e dedicação. Segundo Louro:

[...] esse discurso justificava a saída dos homens das salas de aula dedicados agora à outras ocupações, muitas vezes mais rendosas - e legitimava a entrada das mulheres nas escolas - ansiosas para ampliarem seu universo, restrito ao lar e à igreja. A partir de então passam a ser associadas ao magistério características tidas como ‘tipicamente femininas’: paciência, minuciosidade, afetividade, doação. Características que, por sua vez, vão se articular à tradição religiosa da atividade docente, reforçando ainda a ideia de que a docência deve ser percebida mais como um ‘sacerdócio’ do que como uma profissão. Tudo foi muito conveniente para que se constituísse a imagem das professoras como ‘trabalhadoras dóceis, dedicadas e pouco reivindicadoras’, o que serviria futuramente para lhes dificultar a discussão de questões ligadas a salário, carreira, condições de trabalho etc. (LOURO, 2018. p. 450)

Essa ideia de que a mulher é um ser frágil e delicado, e de que o magistério é típico do feminino, por ser considerado uma continuação da maternidade, a qual as mulheres

ensinariam por amor e dedicação e por isso justificavam-se os baixos salários, permeou-se pela sociedade por muito tempo, reverberando até a contemporaneidade. Assim, o discurso exercia o poder de excluir as mulheres de qualquer papel/profissão que se chocasse com sua feminilidade, que as afastassem do papel de mulheres dóceis. Entretanto, “[...] o magistério podia ser considerado a profissão ideal, [...] as demais profissões que fugissem aos padrões ditos femininos ofereciam tenaz resistência à sua entrada, sob os mais variados argumentos, desde o risco de prejuízo à sua saúde e à dos futuros filhos, a desagregação da família e as consequências para a sociedade e para a pátria.” (ALMEIDA, 1998, p.74)

Analogicamente, apesar do reconhecimento do papel da mulher em formar cidadãos, havia uma preocupação em que sua profissão não às afastassem de sua missão de serem puras e ingênuas, que não as desviassem da religião nem do cuidado ao lar:

[...] o maior motivo de as mulheres terem buscado o magistério estava no fato de realmente precisarem trabalhar! Quando o caso não era o da sobrevivência, e estes deviam ser raros, procuraram na profissão uma realização social que a posição invisível ou subalterna no mundo doméstico lhes vedava, submetidas que estavam à sombra masculina todo-poderosa que ali também exercia seu poder. (ALMEIDA, 1998. p.71)

Observem que durante muito tempo a escola Normal era tida como um avanço para as mulheres que desejavam seguir uma profissão. A partir da década de 1930 essa oportunidade foi ampliada com a criação das faculdades de filosofia. Em Sergipe, especificamente, os cursos universitários para a formação docente só foram implementados na década de 1950 com a criação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

Sendo assim, faz-se necessário o reconhecimento dos esforços dessas estudantes que decidem cursar o ensino superior noturno, para obtenção do diploma em busca de melhores oportunidades de emprego e estabilidade financeira. É indispensável considerar também que o movimento de reconhecimento é um fator essencial e de grande importância para realização pessoal na vida do ser humano, uma vez que este traz, para os indivíduos, incentivo, confiança, transformação, inspiração e determinação para conquistar e realizar algo, como no caso da presente pesquisa que mostra elementos das trajetórias de mulheres e ao mesmo tempo incentiva outras mulheres a não desistirem de concluir o curso e a conquistar seu sonho de obter um diploma de Pedagogia.

4. MULHERES DO PRIMEIRO CURSO DE PEDAGOGIA DO CAMPUS PROFESSOR ALBERTO CARVALHO DA UFS

Em meio a tantas mudanças que ocorreram na sociedade brasileira até o século XXI, a inserção das mulheres nas universidades é, sem dúvida, uma das grandes conquistas, tanto como um compromisso da sociedade em desenvolver a reflexão crítica dos indivíduos, quanto uma forma de emancipação e de realização das mulheres por meio da formação profissional.

Tratamos aqui das análises dos depoimentos das participantes da pesquisa para assim apresentar aspectos das trajetórias de mulheres que desenvolveram tripla jornada durante o período de graduação do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) do Campus Universitário Professor Alberto Carvalho entre os anos de 2006 e 2011, bem como, analisar as dificuldades de permanência e conclusão do curso e mesmo a rede de apoio que essas mulheres tiveram na sua luta pelo diploma de ensino superior, lidando com os desafios diários de conciliar o trabalho com a vida pessoal e a vida acadêmica.

Sabe-se que, com expansão da escolaridade e da interiorização das universidades no Brasil ocorrida entre o final do século XX e primeiras décadas do XXI, ocorreu um aumento de vagas ofertadas e, conseqüentemente, um crescimento significativo da presença feminina nas universidades. De acordo com o censo do ensino superior de 2018, no Brasil há cerca de 2.537 instituições de ensino superior, sendo que 81,5% são faculdades, 71,3% dos estudantes matriculados no curso de licenciatura são mulheres, enquanto somente 28,7% são do sexo masculino (BRASIL, 2019).

Partindo do pressuposto de que não é tarefa fácil conciliar os estudos, o trabalho e os afazeres domésticos, buscamos entender os motivos que as levaram a cursar o ensino superior, mesmo desenvolvendo triplas jornadas. Para isso foi necessário a realização de entrevistas com três ex-alunas da primeira turma de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho de Itabaiana, com ingresso no período letivo de 2006.2. Levando em consideração que o curso tem duração de 10 períodos, essas estudantes concluíram em 2011.1⁶. Nesse sentido, os resultados das discussões foram organizados em três blocos de análises, a saber: A jornada para além das aulas no curso de pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho (UFS); O curso de Pedagogia: aprendizagens e reverberações para além da sala de aula; Estratégias para conclusão do curso superior: renúncias e desafios.

⁶ Consta no Apêndice A lista com nomes dos alunos aprovados para ingresso na primeira turma do curso Normal Superior que depois passou a ser Pedagogia do Campus Prof. Alberto Carvalho. É importante destacar que devido a Pandemia do COVID-19 não foi possível o acesso presencial ao Departamento da UFS para coleta das listas dos alunos concluintes dessa turma.

4.1 A jornada para além das aulas no curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho (UFS)

Levando em consideração que todas as entrevistadas desenvolviam dupla ou tripla jornada de trabalho durante o período de graduação, as pedagogas foram questionadas sobre sua composição familiar na época, vejamos o que diz Montessori:

Quando eu ingressei na universidade eu já tinha filhos, ainda hoje tenho, já era casada, trabalhava lá no povoado Serra, que eu saía as 7 horas da manhã e só voltava [às] 6 da noite, aí quando eu chegava aqui 6, 6:15 já era jogando a bolsa pro lado, entrando no banheiro já deixava uma panela no fogo, já tomava banho, comia e já ia para universidade até [às] 11:00 horas. Sempre trabalhei [durante] os 5 anos [da graduação], não era jornada dupla, nem tripla não, eram quadrupla mesmo (risos). Tinha três filhos e continuo com os três e meu marido. E ainda na metade do sétimo período para cá a minha filha que já era casada engravidou, aí teve meu neto, aí eu tive que tomar conta um pouquinho, porque ela também passou em concurso e começou a trabalhar. Aí tinha que se revezar também, porque você sabe né, mãe sempre tem que estar ali né (para ajudar) [...]. (Montessori, 2020)

A fala de Montessori torna evidente a sua atuação cotidiana, a qual representa mais que tripla jornada, pois além de estudar, de cuidar da casa, de trabalhar fora, ainda tinha que cuidar e dar atenção ao marido, filhos e neto, o que se mostrava uma rotina extremamente desgastante e marcada por muitas objeções e abdições. O depoimento reforça o que afirma Alves (2017, p. 20), “A inserção feminina no mercado de trabalho é marcada por momentos difíceis, pois ao começar a trabalhar, a mulher passa a ter duas ocupações ao invés de uma, as novas obrigações vêm junto com as antigas”. Ou seja, as obrigações com o trabalho e estudo, embora tomasse quase todo seu tempo diário, não anulava o cuidar da família e da casa, resultando pouco ou nenhum tempo para o lazer.

Assim como a da entrevistada, essa é a realidade de muitas mulheres que decidem ir em busca de uma profissionalização e autonomia financeira. Ao contrário de Montessori, Emília e Hanna eram solteiras, mas também desenvolviam o papel de dona de casa, embora houvesse um pouco menos de “responsabilidades domésticas”, uma vez que moravam com pais e familiares, ajudavam no cuidado com o lar e na divisão das tarefas.

Eu era solteira e durante [a graduação] casei, separei (risos) foi isso! Depois voltei para a casa dos meus pais. Engravidei no último período, no finalzinho da formatura, no mês da formatura eu descobri que estava grávida (Emília, 2020)

Apesar de Emília não desempenhar o papel de esposa durante a graduação, não significa que suas tarefas não eram extensas e cansativas, pois conta que por vezes teve que abrir mão de noites de sono e fim de semanas de descanso para dar contas dos trabalhos da graduação. De uma realidade não muito diferente Hanna conta: *“Eu era solteira e na época que eu comecei a estudar, por conta do trabalho e do estudo não dava para eu voltar para o interior, então eu morei aqui [na cidade de Itabaiana/SE] com minhas duas irmãs.”* (Hanna, 2020).

O depoimento de Hanna é um reflexo da situação de muitos acadêmicos do curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho, que moram em cidades vizinhas e têm dificuldade de locomoção diária, tanto pelo transporte quanto pela distância e o tempo de deslocamento. Assim, para ter maior oportunidade de estudo e trabalho, muitos passam a morar na cidade de Itabaiana.

As entrevistadas contam que concluíram todos seus estudos na rede pública de ensino. Emília e Hanna ainda revelam que o tempo entre o término do ensino médio e o ingresso à universidade foi de aproximadamente um ano, o que possivelmente ajudou em seu desempenho para entrada na UFS. Ao narrar seu passado e suas experiências as entrevistadas buscam na memória as lembranças de suas vidas acadêmicas, segundo Nora (1993) a memória é:

[...] um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensíveis a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. [...] A memória instala a lembrança no sagrado[...]. [Ela] é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. [...] A memória se enraíza no concreto, no gesto, na imagem, no objeto (NORA, 1993, p. 9).

Dessa forma ao relatar as lembranças escolares a depoente Montessori mergulha nas memórias, em relação as demais sua fala se sobressai, pois, suas experiências de vida e os estudos escolares chamam atenção:

Bem, na época do primário eu estudei em uma escola que era uma garagem a dona dessa garagem chamava Dona Lidhia estudei até o quarto ano, era pela prefeitura na época, depois fui para o [colégio] Eduardo Silveira estudei lá até os 14 anos que terminei a quarta série, depois foi a quinta série [estudei no colégio] Murilo Braga estudei por um ano [...] estudei lá só a quinta série e parei. Aí quando parei foi inaugurada o [colégio] Cesar Leite que na época chamava-se o Sucatão, [...], aí estudei a sexta série, daí você sabe moleca nova casei, aí parei um tempo. (Montessori, 2020)

Nesse caso, a entrevistada relata que após casar-se foi necessário pausar os estudos, pois a impressão era que um, não seria compatível com o outro, ou seja, era como se ao casar-se não houvesse espaço e tempo para a educação escolarizada. Esse depoimento coaduna com os estudos de Guacira Louro (2008), a qual apresenta o casamento como algo inconciliável com qualquer outra função desempenhada pela mulher fora do lar, um dos motivos seria que a condição de casada poderia resultar numa fonte de indagações sobre a vida da mulher. “Além dos argumentos sobre a impossibilidade de dividir a dedicação ao lar e aos filhos com uma profissão[...]” (LOURO, 2008, p. 468-469).

De acordo com a narrativa dessa participante, foi possível entender que essas condições provocaram a saída da vida escolar e o não ingresso no ensino superior em idade considerada regular, diferente das outras depoentes que tiveram uma trajetória escolar contínua e ingressaram na Universidade logo após o ensino médio. Montessori explica que somente após alguns anos, foi possível retornar aos estudos. Como já estava com a distorção idade série para o ensino regular, ela optou pela modalidade da Educação de Jovens e Adultos, como ilustra o depoimento seguinte,

[...] quando começou o EJA lá, eu fui e me inscrevi, aí o EJA para eu poder estudar meu avô no primeiro ano ia me buscar. Era o EJA do ensino médio, só fui me matricular quando ele [avô] disse que ia me buscar, toda noite e toda noite ele estava lá no portão, e disse pra cá pronto aí eu parei mesmo de vez, terminei o EJA que na época era SUEM Suplência de Ensino Médio, depois passou a ser ENEM que era Exame Nacional de Ensino Médio, e hoje o ENEM que é para faculdade né, quem tem maior ponto entra na faculdade. O ENEM era como ensino médio depois passou a ser provão e hoje é ENCEJA. [...]. (Montessori, 2020)

Nesse sentido, é importante destacar que a EJA é uma modalidade de ensino que busca viabilizar o acesso à educação para as pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar e alfabetizar-se na idade apropriada, como no caso da depoente acima, que após o ensino fundamental parou de estudar e, ao retornar, sua única opção na época para dar prosseguimento aos estudos foi esta modalidade, uma vez que estava com distorção idade série. Já o avô, por sua vez, exerceu um papel primordial de incentivo e cuidado para que ela pudesse concluir seus estudos. Em vista disso, os fatores que incentivaram Montessori a buscar a EJA foram o apoio e o incentivo da família para a realização do sonho de ser alfabetizada, nutrido desde a infância.

Ao serem questionadas sobre a reação de sua família ao saber de seu ingresso na universidade, as três entrevistadas responderam que todos se alegraram e festejaram juntos

essa grande conquista, embora Montessori tenha relatado o seguinte: *“Ah, todos vibraram, menos meu marido. Meu marido disse que eu só ia para lá para ir namorar (risos), muitas vezes foi me vigiar”* (Montessori, 2020)

Esse depoimento reforça o que afirma Louro (2018), que a mulher por muito tempo foi considerada um ser passivo “percebida e constituída como frágil, a mulher precisava ser protegida e controlada” (LOURO, 2008. p.453). Toda e qualquer atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco. Nesse sentido, o casamento, o trabalho e os estudos foram considerados por muito tempo incompatíveis, por considerar que qualquer atividade exercida pela mulher fora do lar prejudicaria a dedicação à família e ao cuidado com a casa. Dessa forma, Guacira Louro enfatiza que:

A incompatibilidade do casamento e da maternidade com a vida profissional feminina foi (e continua sendo!) uma das construções sociais persistentes. De fato, o "culto da domesticidade" já vinha se constituindo ao longo do século XIX e representava uma valorização da função feminina no lar, através da construção de vínculos entre o espaço doméstico e sociedade mais ampla. A autoridade moral que as mulheres exerciam dentro de casa era o sustentáculo da sociedade e se fortalecia "na medida em que o lar passava a adquirir um conjunto de papéis de ordem social, política, religiosa e emocional [...] mais amplo do que tivera até então (LOURO. 2008, p.454).

Este fato era justificado pelo papel concebido ao homem, sendo considerado o chefe da família, o responsável pelo sustento da mulher e da casa. Em outras palavras, mesmo a mulher conquistando seu espaço na busca por melhorias de vida para si e toda sua família, ainda há uma forte presença da desvalorização de seu trabalho, ficando nítido que essa ainda é uma problemática atual. De acordo com Fagundes (2005, p. 13), mesmo a mulher podendo ter sonhos e aspirações diversificadas “[...] a ideologia presente em nossa cultura conduz as mulheres aos papéis de mãe e esposa, aos quais devem dar sempre o melhor de si, mantendo-as dependentes, submissas, conformadas, desempenhando carreiras limitantes, de menor prestígio e mal remunerada[...].”

Desse modo, nota-se como, historicamente, mulheres e homens receberam educação diferenciada, o que impacta diretamente nos espaços que cada um pode ocupar na esfera social. Entretanto, esse contexto vem se alterando, pois entre lutas e manifestações houve avanços e conquistas na história das mulheres contemporâneas sendo que ainda há muitos espaços por serem definitivamente ocupados pelas mulheres.

4.2 O curso de Pedagogia: aprendizagens e reverberações para além da sala de aula

Em relação a escolha do curso, entende-se que ao optar por uma profissão de modo consciente é planejar o futuro, logo ao escolher realizar um determinado curso o sujeito escolhe em que vai trabalhar, conhece o objeto, o objetivo de seu estudo e o campo de atuação. Com esse pensamento as participantes foram indagadas acerca dos motivos que as fizeram ingressar na universidade e optar pelo curso de Pedagogia.

Foi unânime a resposta de ser a realização de um sonho almejado desde a infância e de obterem um diploma de ensino superior, além do fato de ser um curso ofertado no período noturno, horário contrário ao do seu trabalho, já que todas exerciam atividades fora de casa e tem uma jornada de trabalho diária de oito horas. Vejamos o depoimento a seguir:

porque era um sonho, porque assim, eu tinha vontade de fazer[o ensino superior] mas eu tinha medo de ir para Aracaju e só tinha lá, recursos eu não tinha para [pagar]o particular, aí quando ingressou, meus dois filhos já estavam estudando e fazendo vestibular, naquela época era quatro dias e a minha menina[já tinha tentado] uns dois anos ela ia e passava mal[durante a prova], acho que [era] o medo, e eu nunca pressionei nem um, nem outro, quando veio para aqui[Itabaiana] eu disse bem assim “eu vou me inscrever e vou pedir isenção, eu vou sentir esse gosto e se eu passar eu vou concluir”, foi eu, meu filho e minha filha fazer[o vestibular] ganhamos os três, quando saiu o resultado do vestibular eu já trabalhava no povoado Serra, eu faltei os quatro dias[no trabalho] eu peguei e fui me matricular no cursinho, primeiro teve um cursinho que eu nem completei. Pedir isenção e ganhei. Quando saiu a lista aí eu estava no meio, fui fazer o vestibular, quando saiu eu estava lá na posição 45ª eu digo “oxe, eu passei e meus filhos não! não! não é eu não”, aí minha filha foi quem me disse: é mãe é a senhora mesmo, é a senhora! eu dizia não é, e ela dizia é a senhora mesmo! [...] (Montessori, 2020)

A depoente por um momento mostra não acreditar que tinha passado no vestibular, uma vez que não se considerava ser tão capaz quanto seus filhos, devido à diferença de idade e nível de estudo, mas a todo instante enfatiza a alegria de ter conseguido realizar um sonho. Segundo Fagundes (2005. p. 83), “Para mulheres de camadas sociais inferiores, ter acesso a uma faculdade era uma forma de promoção social e possibilidade de melhoria da sua condição econômica. Para elas, tornar-se professora tinha valor, pois representava um caminho para a ascensão social e econômica.”. Mas, depois da alegria do ingresso vieram os desafios:

Deu vontade de desistir na metade do primeiro período, mas aí as meninas que estudavam comigo diziam: Não, não, não. Mainha, você não vai desistir, você não vai desistir! A gente vai te ajudar, vamos, vamos! Você

entra no grupo com a gente e você vai terminar, vamos!’. Eu era a mais velha, né. Então elas me adotaram como mãe. (Montessori, 2020)

É nítido na fala de Montessori que ter ingressado na universidade com idade mais avançada e com muitas demandas diárias, tornava o processo mais difícil. No entanto, apesar dessas dificuldades, não desistiu do seu sonho, demonstrou ser capaz de recuperar o tempo perdido e obteve uma conquista importante para sua vida. Além disso, suas colegas de curso a consideravam como uma figura materna e a tratavam como tal, desse modo sempre a auxiliaram nas demandas da universidade e a incentivavam, dando apoio e subsídios quando pensava em desistir.

As entrevistadas também fizeram da sua inserção no ensino superior uma busca por melhores condições econômicas. Para Almeida (1998, p.71), “Entretanto, o maior motivo de as mulheres terem buscado o magistério estava no fato de realmente precisarem trabalhar! Quando o caso não era o da sobrevivência, e estes deviam ser raros, procuraram na profissão uma realização social que a posição invisível ou subalterna no mundo doméstico lhes vedava” nesse seguimento Hanna relata que sua escolha se deu devido a questões salariais e por considerar a profissão um sonho seu e de seus pais: “[...] meus pais, embora não tivessem tantas condições, mas eles já priorizaram os estudos. E Pedagogia eu escolhi tanto porque era uma área que eu achava que tinha uma grande demanda e pela familiaridade também com o ensino, por ser a noite essas coisas.” (Hanna, 2020)

O depoimento mostra que a entrevistada já tinha o sonho de seguir a carreira docente em nível superior e este tornou-se mais acessível, uma vez que o curso foi ofertado em horário compatível com seu trabalho, definindo assim a sua escolha. Observa-se na fala de Hanna o termo “familiaridade” ao apontar um dos motivos de sua escolha, o que para muitos é considerado “vocação”, segundo estudos de Bruschini e Amado (1988) o termo “vocação” foi um argumento historicamente construído para justificar a escolha dessa profissão para as mulheres.

Ligado à ideia de que as pessoas têm aptidões e tendências inatas para certa ocupação o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente. Influenciadas por essa ideologia, as mulheres desejam e escolhem essas ocupações, acreditando que o fazem por vocação. (BRUSCHINI, AMADO, 1988, p. 7.)

É evidente que o fato de ser um curso ofertado, exclusivamente, no período noturno contribuiu significativamente para essa escolha, o que beneficiou uma larga parcela da

população que trabalha ao longo do dia e tinha o desejo de ingressar em uma Universidade. Desse modo, se faz necessário situar que cidades como a de Itabaiana/SE concentram um grande número de pessoas que trabalham no comércio e que almejam o ensino superior, mas que só têm disponibilidade de frequentá-lo a noite. Os cursos noturnos trouxeram para a população menos favorecida economicamente à oportunidade de obter um diploma de ensino superior e uma profissionalização.

Ao tratar de gênero, o estudo de Alves (2017 p.12) mostra que “As diferenças traduzidas e vividas como desigualdades de gênero e sexualidade são impostas desde a infância em todos os ambientes[...]” inclusive em casa. Referente a essa realidade tem o depoimento a seguir de uma aluna da primeira turma do curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho:

Acho que sonho de criança, acho que toda menina brinca de que? De escolinha né! Acho que é isso, brincar de escolinha. E apareceu a oportunidade que na verdade não era o curso Pedagogia, era um curso Normal Superior⁷ quando abriu, né. Ai depois que lutamos e conseguimos mudar para Pedagogia. (Emília, 2020)

Como afirma Emília e comprovado pela legislação disponível no site da UFS a Resolução Nº 63/2005/CONEP/UFS aprovou o Projeto Pedagógico do Curso Normal Superior Séries Iniciais do Ensino Fundamental Licenciatura, do Campus de Itabaiana em 2005, um ano depois, mais precisamente em 17 de outubro de 2006 a Resolução nº 110/2006/CONEP alterou o nome para Curso de Graduação em Pedagogia Licenciatura para as Séries Iniciais. Dessa forma, entende-se o depoimento “quando abriu” era Normal Superior e depois alterou para Pedagogia. Todavia, ainda se faz necessários pesquisas que verticalizem esse processo de alteração e mesmo as lutas para que tal alteração fosse concretizada.

Quanto ao desejo de ser pedagoga, a ex-aluna conta que surgiu ainda na infância, um sonho idealizado por quase todas as meninas, já que são ensinadas a brincar de ser mãe e professora, como se não houvesse espaço/possibilidade para outras profissões. Segundo Fagundes:

O gostar e o cuidar de crianças são constructos associados à identidade feminina, referenciados e reforçados historicamente. Neste contexto, um processo muito eficiente se instala: sendo mulher e mãe gosta e cuida de criança e também assume a responsabilidade de ensiná-la (torna-se educadora). Se, com a mãe, a menina aprende a ser mãe, com uma mãe

⁷ De acordo com Gatti (2012, p. 151.) “O curso de graduação em Pedagogia foi, dentre os cursos de graduação em nível superior, um dos que mais sofreu reformulações normativas ao longo de seus anos de existência”

educadora, a menina aprenderá a ser educadora; desse modo, a influência materna e/ou de pessoas marcantes do universo familiar pode, seguramente, ser responsável pela escolha profissional das mulheres, do mesmo modo como ocorre na construção de sua identidade de gênero. (FAGUNDES, 2005. p.121)

Dessa forma, é nítido como o gostar de criança tem apresentado ao longo da história características próprias da identidade feminina e do magistério, como se só as mulheres possuíssem por natureza esses atributos e os homens fossem desprovidos deles. É notório como está enraizado e tornou-se persistente a relações de gênero, que definem como devem-se constituir as práticas sociais e quais caminhos as mulheres devem seguir.

De acordo com as reflexões de Alves (2017), ainda vivemos em uma sociedade repleta de discursos que produzem estereótipos, nos quais mulheres são sinônimos de mãe por apresentar vocação para o cuidado com as crianças, enquanto o homem pode desempenhar diferentes papéis sociais. Desse modo, a sociedade estabelece o que são adequados para menino e para menina, reforçados, inconscientemente, em pequenos gestos e ações no dia a dia.

4.3 Estratégias para conclusão do curso superior: renúncias e desafios

É certo que a história de cada sujeito é diferente e singular, se constitui de trajetórias particulares, mas no que se refere a organização do tempo, as participantes foram questionadas sobre possíveis mudanças em seu dia a dia após o ingresso no ensino superior. Todas responderam que é impossível não haver mudanças, principalmente no tempo destinado a cuidar de si, como também na qualidade do sono que diminuiu significativamente. Relataram preferir sacrificar horas de sono e até abdicar de festas nos fins de semana para fazer os trabalhos solicitados na universidade. Vez ou outra conseguiam tirar um tempo para si e para o lazer. Montessori relata que seu único divertimento era o tempo presente no trabalho ou na universidade com os colegas, locais onde ela esquecia dos problemas e das muitas tarefas.

O lazer era só no trabalho que sempre tem as festinhas e criança sempre faz a gente esquecer um pouco da rotina do dia a dia, e eu trabalhava na escola com criança. E na universidade também, nos horários vagos chegava com as colegas brincava com um, com outro, com os professores ia para sala de jogos, até que me divertia, era só isso. Assim para sair para algum lugar dia domingo eu tinha que organizar o estudo. Na hora que os professores passavam alguma pesquisa eu já estava ali[pesquisando]. Algum resumo, eu já estava ali fazendo. Há é para daqui um mês! Eu já fazia, e em uma

semana já estava livre, quando ele me pediu já tinha feito, porque eu tinha medo de acontecer alguma coisa e eu não entregar. Juntava com as colegas ia para casa delas, passava final de semana. As vezes final de semana a gente se juntava, que as que eram solteiras a gente ia pra lá [para casa das que eram solteiras], embora eu era casada, mas não tinha essa não, deixava marido deixava tudo e ia atrás do meu sonho porque eu queria me formar, não era nem almejar trabalhar na área, mas porque era meu sonho ter uma formação. Dizer assim: eu sou formada!

Os cinco anos foram assim, hoje é que eu estou passeando mais, os filhos já estão grandes e agora é eu que vou me divertir. (Montessori, 2020)

Depoimento que dialoga com as análises históricas desenvolvidas por Louro:

O trabalho fora seria aceitável para as moças solteiras até o momento do casamento, ou para as mulheres que ficassem sós - as solteironas e viúvas. Não há dúvida que esse caráter provisório ou transitório do trabalho também acabaria contribuindo para que os seus salários se mantivessem baixos. (LOURO, 2008, p. 453)

É nítido no relato de Montessori, em contraposição com os estudos citados, que esta vivenciava muitas objeções, uma vez que nem sempre havia flexibilidade para conciliar os estudos, o casamento, o trabalho e a atenção aos filhos. No entanto, todas elas foram superadas e não as impediram de realizar o sonho de concluir seu curso superior em Pedagogia na UFS.

Tendo em vista o recorte efetuado para a pesquisa, todas as participantes entrevistadas desempenhavam tripla jornada, estudavam, cuidavam da casa, mesmo que dividindo as tarefas, e possuíam trabalho formal. É evidente que os estudos, o trabalho e os afazeres domésticos proporcionaram a essas mulheres a busca por seu espaço de profissionalização.

Nesse segmento, elas foram indagadas como faziam para dar conta dos trabalhos da universidade e conciliar o tempo entre as demandas de seu dia a dia. Todas mencionaram não terem condições financeiras para contratar serviços para as ajudarem nos afazeres domésticos, sendo assim, dividiam as funções com familiares. Para Montessori essa divisão era um pouco mais limitada, pois por ser mãe e casada relata que devido a sua rotina muito corrida por conta do pouco tempo, fazia os trabalhos da universidade durante a noite após o horário da aula e em seu horário de almoço do trabalho, fazia tudo manuscrito e durante as madrugadas digitava. Relata ainda que por muitas vezes durante a madrugada arrumava a casa e deixava o almoço pronto. Isso mostra que desempenhar diariamente as três dimensões, casa, trabalho e estudo não é tarefa fácil, e pode ser o ponto de partida para a desistência dos sonhos, da formação profissional.

Hanna, por sua vez, relata não conseguir dar seguimento aos estudos durante o horário de trabalho.

Então, acordava cedo ia trabalhar, no trabalho eu não tinha como pegar nada dos estudos, porque às vezes tem trabalho que é mais flexível, porque muitas vezes eu ficava em caixa e tudo, não conseguia! Quando chegava já era o tempo certinho de só tomar banho, comer e ir para universidade correndo, aí tinha aula na universidade, e eu estudava quando eu chegava à noite e nos finais de semanas. (Hanna, 2020)

Um dos maiores desafios para Hanna era em não poder conciliar o trabalho com os estudos, uma vez que não havia flexibilidade devido à função que exercia de atendente de caixa em supermercado. Ela conta ainda que por várias vezes excedia as 8 horas, desempenhando uma jornada de trabalho bem extensa, o que resultava em cansaço físico e mental durante as aulas.

De forma semelhante, Emília informa sua estratégia para realizar suas atividades acadêmicas, *“madrugada, mulher! Tinha noite de dormir três, quatro [da manhã], só tirar um cochilo, acordar e trabalhar. Puxado, principalmente na época de monografia”*. (Emília, 2020).

Nesse caso é possível perceber que o único horário disponível para realizar as atividades do curso era durante as madrugadas, abdicando de suas horas de sono, e provocando uma sobrecarga exaustiva para o trabalho e conseqüentemente para as aulas.

Compreendendo os desafios de sua tripla jornada, as participantes enfatizam que sua maior dificuldade durante essa árdua caminhada foi não obter tempo para o lazer e o descanso, devido à sobrecarga de atividades e o objetivo de dar conta da rotina agitada do dia a dia, como demonstra o depoimento a seguir *“[...] Meu Deus ao invés de eu dormir tem tanta coisa para fazer, aí dormia uma, duas três da manhã”* (Montessori, 2020).

Outro ponto mencionado por todas foi a dificuldade em conciliar o trabalho com o período de estágio e monografia. Relatam ter sido um período muito difícil por ter que sair do trabalho, além dessas atividades extras ter que somar a todas as outras funções que já realizavam diariamente. Como enfatiza a depoente a seguir:

[...]conciliar o estágio com o trabalho foi uma das principais dificuldades, e a alegria foi concluir o curso e conseguir um nove na minha monografia, foi um nove, mas com gosto de dez, porque a pessoa luta tanto! Emagreci, porque não dormia, não comia, não me alimentava, [...] Monografia é complicado, tem que se dedicar a fundo. (Emília, 2020)

É perceptível para as estudantes da primeira turma do curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho que estudar e trabalhar não são tarefas fáceis de conciliar. Elas apontam a falta do tempo como um dos principais desafios, o que comprometia tanto a saúde física como a mental. Ao relembrar das alegrias que o curso proporcionou, elas mencionam os momentos de conversa e descontração com os amigos na universidade durante os intervalos das aulas. Essa é a realidade de muitas universitárias que se desdobram para dar conta de todas as demandas que lhes são impostas.

Indagadas se atuam ou atuaram no campo de formação após a conclusão do curso, Emília conta que atuou como professora em uma escola privada, mas por perceber que a visão do lucro da instituição da qual fazia parte era contrária ao que ela aprendeu na universidade sobre o real papel do educador, pediu demissão, o que a levou a uma frustração de trabalhar em outra instituição privada. Já Hanna atua como coordenadora em uma instituição privada de ensino superior.

Montessori, por sua vez, disse que ainda não trabalhou efetivamente na área, pois continua no mesmo espaço de antes da graduação já que ainda não conseguiu passar em nenhum concurso público como pedagoga. Todavia enfatiza que independentemente da idade ela ainda não desistiu de atuar em sala de aula e pretende prestar outros concursos para ocupar uma vaga na sua área de formação no ensino superior.

As participantes ainda contam que o curso as preparou para o mercado de trabalho, embora somente duas delas trabalhem na área. Sentem-se preparadas para atuar tanto em sala de aula como coordenação, pois o curso proporcionou subsídios e embasamentos teóricos suficientes para uma formação integral e ampla. Tais relatos estão de acordo com o que diz Furlan:

Por ter uma formação mais abrangente, o pedagogo ainda continua sendo formado para atuar em espaços escolares, dentro e fora da sala de aula, e também em outros espaços onde se fizer necessária a sua presença. Sua importância se faz notória graças a uma formação integral, onde campos de conhecimento como História, Psicologia, Sociologia, Filosofia e Política tornam este profissional preparado para enfrentar a escola tal qual está posta hoje: diversificada. (FURLAN, 2008. p.3874)

As entrevistadas enfatizam que na época que cursavam Pedagogia sua turma era formada, na sua maioria por mulheres (99%), frequentando apenas um homem, o qual não se formou junto com a turma, tornando-a essencialmente feminina. Em vista disso, é necessário conhecer como nos cursos de Pedagogia a presença feminina se sobressai sobre a masculina.

A pesquisa de Oliveira (2011b) relata que a primeira turma de Pedagogia, ainda na FAGED/UFS, mais de 90% de seus alunos eram mulheres. De acordo com Jane Soares de Almeida:

A ocupação do magistério pelas mulheres deu-se efetivamente pelo aumento do número de vagas e, segundo alguns historiadores, pelo abandono dos homens desse campo profissional. A retirada dos homens em busca de outros empregos mais bem remunerados teria permitido que seus lugares fossem ocupados pelas mulheres, e alguns autores, aliás, arriscam a hipótese de que era desonroso e até humilhante para os homens exercer essa profissão. (ALMEIDA, 1998, p.66)

Isso fazia com que os homens ingressassem em outros cursos tidos como de maior prestígio social. Segundo Almeida (1998), “[...] O que deve ser esclarecido é se as causas da feminização não serão ainda mais complexas do que apenas o aumento quantitativo de vagas no magistério e a saída dos homens, que considero apenas uma parte da explicação e não toda ela.” (ALMEIDA, 1998, p.66).

Apesar da profissão ser alvo de discussão e apresentado com tanta desvalorização, as depoentes deixam uma mensagem de incentivo para os estudantes de Pedagogia:

[...] siga em frente não desista, não desista, não desista! Porque eu saia de casa 6:30 da manhã 7:00; 6:00 horas chegava, a semana inteira trabalhava fora e só era chegar, às vezes nem tomava café porque já saía do banho vestia a roupa, pegava alguma coisa e saía comendo, então o dia todo sem vim em casa! Tem mulheres ainda que trabalham e vem em casa no meio dia, e eu passava o dia todo fora. Foram oito anos, três eu já trabalhava e os cinco da universidade. Cinco anos saindo seis, seis e meia, sete dependendo, e chegava seis da noite então o conselho que eu dou é que não desista, persista e que se precisar de ajuda peça. Mas siga em frente que é um curso muito bonito. (Montessori, 2020)

Para ter força e foco porque é um futuro, nosso futuro, que a gente está ali qualquer brechinha, concurso principalmente, para vocês que estão se formando agora tão com a mente mais fresca é bem mais fácil vocês passarem em um concurso público. (Emília, 2020)

Eu diria assim, que o primeiro passo é a gente saber o que a gente quer, ter força de vontade não desistir e pegar justamente os obstáculos como muitas vezes eu saia de um dia de trabalho assim tão difícil e eu pegava aquilo como uma motivação para que eu pudesse estudar e ir em frente. E o que eu digo é isso, que não desista que vá em frente e que busque, porque eu acho que qualquer área da vida se a gente der o melhor, a gente vai sempre se dar bem. (Hanna, 2020)

Com base nos depoimentos apresentados, foi possível conhecer aspectos do percurso formativo dessas três mulheres durante sua trajetória como alunas do curso de Pedagogia, tornando-o evidente o quanto essas mulheres se esforçaram para conseguir sua inserção e permanência em uma universidade. Após esta análise, fica evidente que desempenhar tripla jornada não é tarefa fácil e é, sem dúvida, uma rotina extremamente exaustiva. Todas enfatizaram a existência de percalços, cansaço, renúncias, mas não foram impedimentos para superar todos os desafios. Essas mulheres conseguiram conciliar a jornada de trabalho com a vida acadêmica e pessoal, e concluir o tão sonhado curso do ensino superior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho intitulado “Aspectos das Trajetórias de Estudantes de Pedagogia no Campus Professor Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe: ‘Era meu sonho ter uma formação. Dizer assim: eu sou formada!’ (2006-2011)”, teve como objetivo investigar a trajetória de mulheres que desenvolveram tripla jornada durante a graduação, enquanto aluna do curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe, no período de 2006 a 2011

Diante da revisão bibliográfica e da pesquisa de campo, foi possível compreender alguns desafios vivenciados por essas estudantes em conciliar o trabalho, a vida pessoal e a acadêmica para obter o diploma de ensino superior. Essas estudantes ingressam na universidade para alcançar êxito pessoal, movidas pelo desejo de adquirir autonomia, elevar a autoestima, como também pelo anseio de conquistar uma carreira profissional em busca de melhores oportunidades de emprego, salário e estabilidade financeira. Todavia, nota-se que o diploma em si só não é garantia de empregabilidade na área, tendo em vista que duas das três entrevistadas não exercem a profissão.

De acordo com a pesquisa também foi possível compreender que essas mulheres demonstraram ser capazes de desempenhar funções como trabalhar fora, ser dona de casa, estudar e se dedicar à família, embora muitas vezes descrevessem essa jornada como exaustiva. Porém, afirmam ser possível desempenhá-las, abdicando de momentos de lazer e por vezes até do cuidado consigo. Esclarecem ainda que fazendo ajustes na rotina é possível conciliar as suas demandas dentro e fora do ambiente universitário, valendo a pena todos os seus esforços para realizar seus sonhos.

O presente estudo mostra ainda que essas mulheres ao desempenharem diversos papéis, tentam inserir o lazer no ambiente acadêmico ou familiar. Para elas pequenas distrações estão presentes nos intervalos entre aulas ou apreciando a família em casa. Demonstrem orgulho por conseguirem superar todos esses desafios e mostrar para si e para o mundo que são fortes e estão determinadas a realizar seus objetivos, apesar da pesquisa mostrar que quando é necessário fazer escolhas entre o trabalho e a família, esta tem um peso maior que a universidade. Todo esse cenário ocasionava desgaste físico e mental, afetando negativamente sobre sua aprendizagem.

A pesquisa também traz informações sobre como ocorreu a feminização do magistério em distintos momentos e a profissionalização, processo ainda “vigente” em uma profissão

marcada por lutas para a valorização que a carreira merece. Entretanto, apesar de estar imersa em um estereótipo sobre fragilidade, maternidade e vocação, à docência pode representar um espaço de atuação social para além da obtenção de um diploma profissional.

Dessa forma, entendemos que este estudo pode contribuir para a reflexão sobre as mulheres no curso de Pedagogia, bem como suas estratégias para conciliar diferentes papéis sociais no período acadêmico. Pode-se afirmar ainda, que diante dos dados obtidos, o trabalho sugere que outras novas pesquisas sejam desenvolvidas na área, visto que este tema abrange diversas discussões, como: o que os filhos, pais ou maridos das mulheres que desempenham essa tripla jornada pensam sobre isso? Quais as expectativas dessas mulheres após a conclusão do curso?

Por fim, reforçamos a ideia de que o presente trabalho foi realizado por meio de entrevistas com três ex-alunas, que fizeram parte da primeira turma do curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe entre os anos de 2006 e 2011. Três de centenas de pedagogas e pedagogos que ali se formaram nesses quatorze anos de existência, e que hoje atuam em diferentes partes do Estado de Sergipe e do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fabiane Oliveira. **Homens na Educação Infantil: A voz inaudita dos graduandos do curso de Pedagogia do Campus Alberto Carvalho.**2017. Universidade Federal de Sergipe Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, Departamento de Educação, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Itabaiana, 2017. 38 p.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral.** 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível.** São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (org); Bassanezi, Carla (coord. Texto). **História das Mulheres no Brasil.** Ed. 9, São Paulo: contexto, 2008. p. 607-639.

BRASIL, Ministério de Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2018,** notas e estatísticas. Brasília-DF. Inep/MEC. 2019. Disponível em:<http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf> Acesso em, 4 de junho de 2020.

BRUSCHINI, Cristina; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: Algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa,** v. 64, 1988, p. 4 -13.

BUENO, Belmira Oliveira et al. Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores. **Psicologia USP,** v. 4, n. 1-2, p. 299-318, 1993.

CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa:** Escolhendo entre Cinco Abordagens.3. ed.- Porto Alegre: Penso, 2014.

CRUZ, Maria Helena Santana. **Trabalho, gênero, cidadania:** tradição e modernidade. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão: editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. **Mulher e Pedagogia:** um vínculo resignificado. Editora Helvécia Ltda., 2005.

FURLAN, Cacilda Mendes Andrade. UEL, HISTÓRIA DO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL: 1939-2005. Área Temática: Profissionais da Educação: formação, concepções e perspectivas. **EDUCERE** UEL, 2008. p.3.864-3.875.. disponível em; <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/164_885.pdf>. Acesso em;18, julho de 2020

GATTI, Bernardete A. O Curso de Licenciatura em Pedagogia: Dilemas e convergências. **EntreVer,** Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 151-169, jul./dez. 2012, P.151-169. Disponível em; C:/Users/jeziane/Downloads/34247-113930-1-PB.pdf. Acesso em; 20, de junho de 2020.

Guia acadêmico. UFS – Universidade Federal de Sergipe Campus prof. Alberto Carvalho. Itabaiana, 2016. Disponível em:
<http://itabaiana.ufs.br/uploads/content_attach/path/10197/guia_academico_2016_final.pdf>.
Acesso em: 19, agosto de 2020.

LIMA, Itamara Santana. **O Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente Vicente Machado Menezes (1994-2005):** “um legado de ensinamentos e aprendizado” na cidade de Itabaiana/SE. 2017. 2017. Universidade Federal de Sergipe Campus Universitário prof. Alberto Carvalho, Departamento de Educação, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Itabaiana, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres Na Sala e Aula. In: PRIORE, Mary Del (org); Bassanezi, Carla (coord. Texto). **História das Mulheres no Brasil**. Ed. 9, São Paulo: contexto, 2008. p. 443-481.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, História e Educação:** Construção e Desconstrução. Educação e Realidade, v.20, n.2, 1995, p.101.132.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 10, Dez,1993.

OLIVEIRA, João Paulo Gama; **Disciplinas, Docentes e Conteúdos:** Itinerários da História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962). 2011a. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE.

OLIVEIRA, Nayara Alves. **A Inserção de acadêmicos e Licenciados do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe no Campo Educacional Sergipano (1968-1978)**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE.

OLIVEIRA, Nayara Alves. **A Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe (1967-1971). Origens e Contribuições**. 2011b. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

PÁDUA, Elisabete Matallo M. **Metodologia da pesquisa:** abordagem teórico-prática. (3ª edição) Campinas-SP: Papirus, 1998.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (org); Bassanezi, Carla (coord. Texto). **História das Mulheres no Brasil**. Ed. 9, São Paulo: Contexto, 2008. p. 578-606.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, António Maria. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. In: **VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação**. Goiânia: GO. 2006. p. 6167-6176.

SAVIANI, Dermeval. **A Pedagogia no Brasil:** história e teoria. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2012. (Coleção Memória da Educação).

Universidade Federal de Sergipe, Campus de Itabaiana: dez anos de interiorização do ensino superior público, universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, **02 de setembro de 2016**. Disponível em: <<http://www.ufs.br/conteudo/20520-campus-de-itabaiana-dez-anos-de-interiorizacao-do-ensino-superior-publico>>. Acesso em: 19, agosto de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGPE. Resolução N° 19/2005/CONSU. 2005. Aprova a criação do Campus de Itabaiana e regulamenta os procedimentos para a implantação de Centros fora da sede da UFS e para a criação de cursos de graduação em áreas de conhecimento em que não existam Departamentos diretamente a elas relacionados nos Centros em que serão criados esses cursos. Disponível em: <<https://www.sigrh.ufs.br/sigrh/downloadArquivo?idArquivo=32538&key=ea958f3d08cccb6b46e93a355c85fc5c>>. Acesso em 14. dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGPE. Resolução N° 63/2005/CONEP/UFS. 2005. Aprova o Projeto Pedagógico do Curso Normal Superior Séries Iniciais do Ensino Fundamental Licenciatura, do Campus de Itabaiana, e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.sigrh.ufs.br/sigrh/downloadArquivo?idArquivo=32511&key=c292e2ce0da75fb1cd0abf96b6e3c2fd>>. Disponível em: Acesso em 14. dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGPE. Resolução N° 110/2006/CONEP. 2006. Altera o nome do curso. Disponível em: <<https://www.sigrh.ufs.br/sigrh/downloadArquivo?idArquivo=32651&key=2318b15bcb12ed6c795ac31d2ddb91ca>>. Acesso em 14. dez. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGPE. Resolução N° 101/2008/CONEPE. 2008. Aprova o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Pedagogia, Modalidade Licenciatura do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, e dá outras providências. Disponível em: <<https://www.sigrh.ufs.br/sigrh/downloadArquivo?idArquivo=32934&key=4ce5e3f7b74165fecc6dddacba5b7503>>. Acesso em 14. dez. 2020.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM PEDAGOGIA**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I - Dados de Identificação

Nome: _____
 CPF: _____ RG: _____
 Cidade: _____ UF: _____

II – Dados sobre a pesquisa científica

Título: Trajetórias das pioneiras mulheres a realizarem o curso de Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe - Campus Itabaiana: os desafios da dupla jornada e as lutas para a conquista do ensino superior

Pesquisadora: Jeziane Rosa dos Reis
 Orientador: Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira

III – Termo de consentimento

Prezada,

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo analisar a trajetória de mulheres que desenvolveram dupla Jornada durante a realização do Curso de Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe, Campus Itabaiana.

O estudo será realizado por meio de entrevista, não oferecendo qualquer risco, desconforto ou despesas financeiras a vossa senhoria. Sua participação é voluntária não afetando suas atividades. Além do que a senhoria tem a liberdade de desistir a qualquer momento deixando de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo.

As informações obtidas serão utilizadas apenas com propósito científico. Além disso, a senhora poderá ter acesso, a qualquer tempo, às informações sobre a pesquisa, eliminando possíveis dúvidas.

IV – Consentimento pós-esclarecido

Declaro que, após convenientemente esclarecido pela pesquisadora, e, tendo entendido o que me foi explicado, consinto em participar da presente pesquisa.

Itabaiana/se _____ de _____ de 20 _____.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Participante

APÊNDICE B - Roteiro de perguntas para entrevista



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
ITABAINA /SE**

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

1. Nome?
2. Idade?
3. Local de nascimento?
4. Quais as escolas e locais que estudou ao longo da sua trajetória escolar?
5. Qual sua configuração familiar ao ingressar na universidade? (casada, filhos, morava com os pais ou não)
6. Em que ano ingressou na UFS? Quanto tempo passou desde o término do ensino médio ao ingresso a universidade?
7. Porque decidiu ingressar no ensino superior? O fato de ser um curso noturno contribuiu para sua escolha?
8. Porque optou pelo curso de Pedagogia? Morava na mesma cidade do campus estudado? Caso não, qual cidade e/ou povoado?
9. Com relação ao curso como eram as aulas?
10. Qual a reação de sua família ao saber do ingresso na universidade?
11. Trabalhava fora de casa na época da graduação? Caso sim, em que serviço? Uma média de quantas horas por dia?
12. Se formou nos 5 anos de graduação? Caso não, quais os motivos?
13. Como fazia para dar conta das atividades da universidade mesmo trabalhando?
14. Alguém ou algumas pessoas lhe auxiliaram no desenvolvimento das atividades de casa ao longo do período de graduação?
15. Houve mudanças na organização do seu tempo no dia a dia?
16. Como ficava o lazer? Como fazia para conciliar a vida pessoal e profissional com os estudos?

17. Construiu laços de amizade na graduação? De que modo isso auxiliou ou não na realização do curso.
18. Quais as principais dificuldades enfrentadas durante a graduação e quais as principais alegrias?
19. Quais disciplinas teve mais dificuldade? Reprovou em alguma?
20. Após o curso como foi a vida profissional, ingressou no mercado de trabalho na área? Já atuou ou atua na área?
21. Houve colegas e/ou docentes que lhe auxiliaram por ter uma jornada dupla ou tripla?
22. O curso de Pedagogia da UFS lhe preparou para o mercado de trabalho? Fale um pouco sobre a relação das aprendizagens na Universidade e o mercado de trabalho.
23. Quais as melhores recordações do período de estudante do curso de pedagogia?
24. Defina o curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho e a importância do mesmo para sua vida pessoal e profissional?
25. O que você diria para as estudantes de Pedagogia, que trabalham em casa e fora, além do dia a dia na Universidade?

APÊNDICE C- Transcrição das entrevistas



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
ITABAINA /SE**

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 1

1.Nome

Emília Ferreira

2.Idade?

Hoje, 32 anos.

3.Local de nascimento?

Aqui em Itabaiana.

4.Quais as escolas e locais que estudou ao longo da sua trajetória escolar?

Eu estudei no(s) [colégios] Sagrado, no Murilo e no Monteiro

Tudo público?

Não, só o Monteiro foi particular, que estudei só o pré-vestibular na verdade, mas o ensino fundamental menor foi no Sagrado e a partir da sexta série até o terceiro ano foi no Murilo Braga.

5. Qual sua configuração familiar ao ingressar na universidade? (casada, filhos, morava com os pais ou não).

Eu era solteira e durante [a graduação] casei, separei (risos). Foi isso! Depois voltei para a casa dos meus pais. Engravidei no último período, no finalzinho na formatura, no mês da formatura eu descobrir que estava grávida.

6. Em que ano ingressou na UFS.

2006 eu acho.

Quanto tempo passou desde o término do ensino médio ao ingresso a universidade?

Um ano.

7. Porque decidiu ingressar no ensino superior?

No ensino superior acho que foi mais mercado né?! O mercado de trabalho, ter um salário melhor!

O fato de ser um curso noturno contribuiu para sua escolha?

Contribui, principalmente! Precisava de renda e tinha que ser um curso noturno.

8. Porque optou pelo curso de Pedagogia?

Acho que sonho de criança, acho que toda menina brinca de que? de escolinha né! acho que é isso, brincar de escolinha. E apareceu a oportunidade que na verdade não era o curso Pedagogia era um curso Normal Superior quando abriu, né. Aí depois que lutamos e conseguimos mudar para Pedagogia

Morava na mesma cidade do campus estudado?

Sim.

9. Com relação ao curso como eram as aulas?

Eram legais, eram participativas né, a gente tinha interesse em ir para aula, a gente tinha aquele estímulo de ir para aula conhecer, principalmente a parte de psicologia porque eu sempre amei psicologia, aí a gente sempre teve aquele estímulo de buscar mais conhecimento.

10. Qual a reação de sua família ao saber do ingresso na universidade?

Ficaram felizes, porque fui a primeira a buscar o nível superior na família na família né. Foi só alegria!

11. Trabalhava fora de casa na época da graduação? Caso sim, em que serviço? Uma média de quantas horas por dia?

Trabalhava, eu era recepcionista em uma clínica laboratorial na época. Trabalhava 8 horas por dia

12. Se formou nos 5 anos de graduação?

Cinco anos certinho.

13. Como fazia para dar conta das atividades da universidade mesmo trabalhando?

Madrugada mulher, tinha noite de dormir três quatro [da manhã] só tirar um cochilo, acordar e trabalhar. Puxado, principalmente na época de monografia.

14. Alguém ou algumas pessoas lhe auxiliaram no desenvolvimento das atividades de casa ao longo do período de graduação?

Sim, minha mãe. Minha mãe sempre foi fundamental me ajudou, que sempre que chegava do trabalho já tinha almoço pronto, só chegava do trabalho comia ia para universidade, chegava ia estudar, não me preocupava.

15. Houve mudanças na organização do seu tempo no dia a dia?

Há muito, a gente não tinha muito tempo para o lazer em si né, porque as vezes atrasava conteúdo final de semana tinha que correr atrás manter as atividades em dias né.

16. Como ficava o lazer? Como fazia para conciliar a vida pessoal e profissional com os estudos?

Rapaz, era complicado, porque as vezes a gente chegava estressado do trabalho né com um problema e/ou outro acabava que indo mesmo cansado. e já não tinha o mesmo retorno né, a gente não conseguia assimilar muito o conteúdo da universidade as vezes baixava a cabeça durante a aula era isso né. Tem dias que eram realmente muito difíceis, tem que ter muita força de vontade mesmo.

17. Construiu laços de amizade na graduação? De que modo isso auxiliou ou não na realização do curso.

Construir. Há muito! Hoje uma amizade é fundamental para gente seguir em frente né, é uma ajuda a outra, em estágios mesmo! Eram amizades mesmos! que a gente leva para o resto da vida, não só na graduação mais no decorrer, é tanto que Hannah é minha comadre.

18. Quais as principais dificuldades enfrentadas durante a graduação e quais as principais alegrias?

As dificuldades principais foi conciliar o estágio com o trabalho foi uma das principais dificuldades, e a alegria mulher foi concluir o curso e conseguir um nove na minha monografia, foi um nove, mas com gosto de dez, porque a pessoa luta tanto! Emagreci, porque não dormia, não comia não me alimentava, prestes a entregar monografia no prazo final, meu orientador manda refazer um monte de coisa, simplesmente cheguei na frente do computador às 6:00 horas da noite e parei às 10:00 horas da manhã. Monografia é complicado, tem que se dedicar a fundo.

19. Quais disciplinas teve mais dificuldade? Reprovou em alguma?

Nunca reprovei em nenhuma, não perdi nenhuma. Rapaz não tem uma disciplina assim não que eu achei difícil, não me recordo de nenhuma.

20. Após o curso como foi a vida profissional, ingressou no mercado de trabalho na área?

Depois do curso, depois de um certo tempo ingressei sim, passei dois anos lecionando em um colégio particular, porém não bati muito com a diretora da escola, porque eu tinha um aluno que estava no terceiro ano e ele não sabia ler, não tinha esforço nenhum, vinha de uma família problemática, o problema não estava só nele, já vinha bem rebelde. Os pais praticamente, eram aqueles pais que mal se viam, brigavam muito, e ele encontrava a escola como refúgio, só que tipo, ele não socializava com as crianças mesmo buscando algumas

atividades para estimular ele, ele não queria, ficava no canto, conversava, ficava riscando o livro, e a gente não via evolução na criança, e ela [diretora] queria que continuasse passando, passando uma criança que não sabia nem ler, aí eu disse então não dá mais não! É complicado.

21. Houve colegas e/ou docentes que lhe auxiliaram por ter uma jornada dupla ou tripla?

Sim teve, os trabalhos em grupos geralmente cada um dividia em partes, faça o seu, faça o seu, aí quem não trabalhava ajudava e organizava, você faz tal coisa, você faz tal coisa, aí a gente fazia e mandava para essa pessoa, aí ela organizava para ficar coerente o trabalho, porque cada um pensa diferente.

22. O curso de Pedagogia da UFS lhe preparou para o mercado de trabalho? Fale um pouco sobre a relação das aprendizagens na Universidade e o mercado de trabalho.

Preparou, sendo que a gente sabe que a realidade é totalmente diferente, a gente via isso já nos estágios ne isso? Que a gente vai, ler aquelas lá psicopedagogias e tudo e tudo, e tem hora que a gente chega na sala lá tudo bonitinho, tudo perfeito, não vai ser fácil! Quando a gente se depara com a sala de aula é totalmente diferente, mas com certeza é de fundamental importância a gente ter uma base teórica.

23. Quais as melhores recordações do período de estudante do curso de Pedagogia?

Acho que as amizades, acho que entre os alunos e até mesmo professores porque a gente tem professores que fica mais próximo né.

24. Defina o curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho e a importância do mesmo para sua vida pessoal e profissional?

Ele foi de suma importância porque a gente cresce juntamente, sabe muito conceito muita teoria é muito filósofo, sociólogo, muita coisa que a gente vai aprendendo e a gente leva mesmo não estando exercendo a gente vai com os filhos né, colocando em prática né. Isso foi muito bom!

25. O que você diria para as estudantes de Pedagogia, que trabalham em casa e fora, além do dia a dia na Universidade?

Para ter força e foco porque é um futuro, nosso futuro, que a gente está ali qualquer brechinha, concurso principalmente, para vocês que estão se formando agora tão com a mente mais fresca é bem mais fácil vocês passarem em um concurso público.

Fale um pouco sobre sua turma.

Minha turma ingressou 50 alunos e se formaram apenas 22 ou 23.

90% de mulheres, apenas um homem se formou se não me engano, assim mesmo não foi na formatura regular.

Em que você trabalha atualmente?

Assistente administrativo de distribuidora.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
ITABAINA /SE**

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 2

1. Nome?

Hannah Arendt.

2. Idade?

Tenho 34 anos

3. local de nascimento?

Nasci no interior daqui de Itabaiana, no povoado pé do veado, nasci exatamente lá, porque eu nasci em casa então (risos) não deu tempo chegar à maternidade.

4. Quais as escolas e locais que estudou ao longo da sua trajetória escolar?

A educação infantil estudei no povoado que eu residia que era no povoado Cajueiro, nasci no Pé do Veado mas na infância eu morei lá no Cajueiro, então eu estudei lá, e no ensino fundamental eu estudei na escola pública que foi o Nestor Carvalho aqui em Itabaiana e o ensino médio no Murilo Braga todos em escola pública.

5. Qual sua configuração familiar ao ingressar na universidade? (casada, filhos, morava com os pais ou não)

Eu era solteira e na época que eu comecei a estudar, por conta do trabalho e do estudo não dava para eu voltar para o interior então eu morei aqui [na cidade de Itabaina/SE] com minhas duas irmãs.

6. Em que ano ingressou na UFS? Quanto tempo passou desde o término do ensino médio ao ingresso a universidade?

Em 2006, então para ingressar eu ainda fiz três vestibulares, fiz dois em Aracaju na época que a concorrência era absurda, ficava sempre pré-classificada mas nunca dava para entrar, depois com a implantação da UFS aqui em Itabaiana, aí fiz o vestibular graças a Deus entrei na primeira turma. Três anos de diferença [entre o término do ensino médio ao ingresso na UFS.]

7. Por que decidiu ingressar no ensino superior especialmente no curso de Pedagogia?

Ensino superior já era um sonho né, a gente já cresce com aquele [sonho] e meus pais, embora não tivessem tantas condições, mas eles já priorizaram os estudos. E Pedagogia eu escolhi tanto porque era uma área que eu achava que tinha uma grande demanda e pela familiaridade também com o ensino, por ser a noite essas coisas.

O fato de ser um curso noturno contribuiu para sua escolha?

Sim! com certeza, inclusive quando eu olhei os cursos que eu ia fazer, já olhei os noturnos nem olhei diurnos porque não havia possibilidade de cursar na época.

8. Morava na mesma cidade do campus estudado? Caso não, qual a cidade e/ou povoado

Então eu mudei para cá justamente porque eu comecei a estudar e não dava para se deslocar.

9. Com relação ao curso como eram as aulas?

As aulas eram bastante produtivas embora o cansaço né, mas eram aulas bem atrativas, no início a gente teve algumas coisinhas assim porque quando a gente começou o curso era normal superior e aí a gente passou por essa transição de mudanças de Normal Superior para Pedagogia e nisso teve mudança de grade algumas coisas assim, mas foi tranquilo até nesse sentido.

10. Qual a reação de sua família ao saber do ingresso na universidade?

Há não, sempre apoiaram e como eu já vinha tentando algumas vezes foi assim, uma maior alegria.

11. Trabalhava fora de casa na época da graduação? Em que serviço? Uma média de quantas horas por dia?

Sim trabalhava.

Eu trabalhava em um supermercado daqui da cidade mesmo, e tinha uma jornada de trabalho bem extensa. Geralmente eram 8 horas por dia, mas na época ainda não era tão... Como é que se diz? não seguia bem a lei, então por várias vezes a gente passava do horário de trabalho.

12. Se formou nos 5 anos de graduação?

Sim consegui essa façanha. (risos)

13. Como fazia para dar conta das atividades da universidade mesmo trabalhando?

Então, acordava cedo ia trabalhar, no trabalho eu não tinha como pegar nada dos estudos, porque às vezes tem trabalho que é mais flexível, porque muitas vezes eu ficava em caixa e tudo, não conseguia! Quando chegava já era o tempo certinho de só tomar banho, comer e ir para universidade correndo, aí tinha aula na universidade, e eu estudava quando eu chegava à noite e nos finais de semanas.

14. Alguém ou algumas pessoas lhe auxiliaram no desenvolvimento das atividades de casa ao longo do período de graduação?

Sim, em casa eu tinha ajuda das minhas irmãs a gente dividia as tarefas, e na universidade sempre os colegas ajudavam.

15. Houve mudanças na organização do seu tempo no dia a dia?

Houve sim com certeza, tive que me desdobrar para conseguir fazer tudo, o trabalho que já era bem extenso, e ainda conciliar o estudo, o lazer, e a vida em si né.

16. Como ficava o lazer? Como fazia para conciliar a vida pessoal e profissional com os estudos?

Eu tentava ao máximo não ficar também sem fazer nada né, então sempre as festas eu também ia, eu conseguia conciliar.

Então por exemplo durante a semana eu tentava estudar o máximo a noite, ao sábado eu dividia sei lá, se tivesse uma festa eu poderia ir no sábado á noite para a festa e estudava no domingo, eu tentava, ou quando tivesse alguma coisa para fazer no domingo eu estudava no sábado. Eu tentava conciliar na medida do possível.

17. Construiu laços de amizade na graduação? De que modo isso auxiliou ou não na realização do curso.

Com certeza! tem aqueles que a gente não tem mais contatos, mas tem aqueles que até hoje né, até que viraram comadres e tal.

Auxiliou muito, porque eu acho que o meio que a gente vivi, que a gente interage contribui muito para que a gente consiga superar os obstáculos.

18. Quais as principais dificuldades enfrentadas durante a graduação e quais as principais alegrias?

As dificuldades era o tempo, não só o tempo, também como era um trabalho que muitas vezes cansativo e cansava também a mente, você sabe que trabalhar no comercio não é fácil, acho que a saúde mental era que ficava mais comprometida ainda do que o tempo, então eu acho que... já falei da dificuldade no caso né? (risos)é essa maior dificuldade, assim era mais a saúde mental mesmo, além do tempo muitas vezes a gente saia com uma carga muito pesada de ter estresse, de ter raiva mesmo, e para você desconectar totalmente e ir para outro mundo é meio difícil. As alegrias eram aqueles momentos que a gente tinha na faculdade de lazer mesmo com o pessoal nos intervalos, as conversas, sentar lá no banco ficar conversando ate... as vezes a gente faltava um pouquinho as aulas para isso, pronto era essas as diversões.

19. Quais disciplinas teve mais dificuldade?

Eu gostei bastante das que eram voltadas para área de gestão e planejamento, as que eu menos gostava eram aquelas de didáticas achava um pouco... eu gosto mais da área de planejamento, gestão, de leis, LDB eu gosto.

Reprovou em alguma?

Não.

20. Após o curso como foi a vida profissional, ingressou no mercado de trabalho na área? Já atuou ou atua na área?

Pronto após o curso eu continuei por um tempo lá no supermercado, e aí depois eu decidi eu mesma deixar esse emprego que já tinha nove anos e meio lá, talvez até por isso é mais difícil de sair, mas aí tomei coragem sair, aí quando eu sair, logo, logo, fui trabalhar numa escola, escola particular, mas aí como você sabe o ganho é muito pouco e também muito exaustivo, também não fiquei lá, e aí depois disso eu vim trabalhar aqui na UNIT, trabalho aqui já faz 6 anos. Não é exatamente na área mas quando eu entrei aqui eu fui para o DAA e depois houve uma seleção, para essa seleção tinha que ter nível superior preferencialmente na nossa área de Pedagogia, então eu me considero que eu trabalho na área, porque a área que eu atuo hoje na coordenação ela tem tudo a ver também.

21. Houve colegas e/ou docentes que lhe auxiliaram por ter uma jornada dupla ou tripla?

Tinha os colegas, os professores também, eles eram bastante flexíveis nessa parte, tipo Maria Batista, tinha alguns professores que auxiliavam mais, o próprio professor Marcelo que também era diretor, eles entendiam um pouco, que a gente estava ali cansado. Eu acho que o curso em si ele facilita de certa forma por não ser aquela coisa tão metódica, por ser mais dinâmico acho que isso ajudava.

22. O curso de Pedagogia da UFS lhe preparou para o mercado de trabalho?

Sim, acredito que sim, inclusive falando não só da minha área, mas o pessoal da primeira turma a grande maioria é concursado hoje trabalhando na área.

Fale um pouco sobre a relação das aprendizagens na Universidade e o mercado de trabalho. É assim, eu acho, queira ou não a prática nem sempre condiz tanto com que a gente ver lá, que é mais teórico, mas eu acho que contribuiu.

23- Quais as melhores recordações do período de estudante do curso de pedagogia?

Eu acho que apesar de tudo, aliás quanto mais difícil, mas a gente valoriza e mais a gente...Então depois que a gente sai é que a gente percebe o quanto foi valioso aquele tempo, o quanto a gente se desafiou, o quanto foi importante.

24- Defina o curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho e a importância do mesmo para sua vida pessoal e profissional?

O curso eu acho que ele é um curso muito bom assim, ensina bastante. Em relação ao meu trabalho atual acredito que contribui mais para essas áreas de gestão de planejamento essas coisas, acho que a gente leva um pouco, mas acredito que para quem trabalha mais com a educação infantil em si, em sala de aula tenha contribuído mais.

25- O que você diria para as estudantes de Pedagogia, que trabalham em casa e fora, além do dia a dia na Universidade?

Eu diria assim, que o primeiro passo é a gente saber o que a gente quer, ter força de vontade não desistir e pegar justamente os obstáculos como muitas vezes eu saia de um dia de trabalho assim tão difícil e eu pegava aquilo como uma motivação para que eu pudesse estudar e ir em frente. E o que eu digo é isso, que não desista que vá em frente e que busque, porque eu acho que qualquer área da vida se a gente der o melhor, a gente vai sempre se dar bem.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
ITABAINA /SE**

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 3

1.Nome?

Maria Montessori

2.Idade?

54 anos

3.Local de nascimento?

Povoado Sambaíba, município de Itabaiana.

4.Quais as escolas e locais que estudou ao longo da sua trajetória escolar?

Bem, na época do primário eu estudei numa escola que era uma garagem a dona dessa garagem chamava-se Dona Lidhia estudei até o quarto ano, era pela prefeitura na época, depois fui para o [colégio] Eduardo Silveira estudei lá até os 14 anos que terminei a quarta série, depois foi a quinta série [estudei no colégio] Murilo Braga estudei por um ano, como eu não gostava da escola porque era muito grande, até hoje não gosto. Assim não é da escola em si, é por causa do tamanho [por ser] muito extenso. Estudei lá só a quinta série e parei. Ai quando parei foi inaugurada o [colégio] Cesar Leite que na época chamava-se o sucatão. A entrada dele não é onde é hoje, aí estudei a sexta série daí você sabe moleca nova casei, aí parei um tempo. quando começou o EJA lá, eu fui e me inscrevi, aí o EJA para eu poder estudar meu avô no primeiro ano ia me buscar. Era o EJA do ensino médio, só fui me matricular quando ele [avô] disse que ia me buscar, toda noite e toda noite ele estava lá no portão, e disso pra cá pronto aí eu parei mesmo de vez, terminei o EJA que na época era SUEM Suplência de Ensino Médio, depois passou a ser ENEM que era Exame Nacional de Ensino Médio, e hoje o ENEM que é para faculdade né, quem tem maior ponto entra na faculdade. O ENEM era como ensino médio depois passou a ser provão e hoje é ENCEJA. Só foram esses [colégios] foram o Eduardo, o Cesar Leite e o Murilo Braga.

5. Qual sua configuração familiar ao ingressar na universidade? (casada, filhos, morava com os pais ou não).

Quando eu ingressei na universidade eu já tinha filhos, ainda hoje tenho, já era casada, trabalhava lá no povoado Serra, que eu saía as 7 horas da manhã e só voltava [ás] 6 da noite, aí quando eu chegava aqui[ás] 6, 6:15 já era jogando a bolsa pro lado, entrando no banheiro já deixava uma panela no fogo, já tomava banho, comia e já ia para universidade até [ás] 11:00 horas. Sempre trabalhei [durante] os 5 anos [da graduação], não era jornada dupla, nem tripla não, eram quadrupla mesmo (risos). Tinha três filhos e continuo com os três e meu marido. E ainda na metade do sétimo período para cá a minha filha que já era casada engravidou, aí teve meu neto, aí eu tive que tomar conta um pouquinho, porque ela também passou em concurso e começou a trabalhar.

Aí tinha que se revezar também, porque você sabe né, mãe sempre tem que estar ali né [para ajudar] hoje [meu neto] tem 11 anos, é [quase] o tempo que eu tenho de formada.

6. Em que ano ingressou na UFS? Quanto tempo passou desde o término do ensino médio ao ingresso a universidade?

O ano foi em 2007, porque em 2006 foi quando teve aquelas assinaturas colhendo assinaturas para abrir o campus.

Foi mais de 20 anos viu!

7. Por que decidiu ingressar no ensino superior?

Porque era um sonho, porque assim, eu tinha vontade de fazer[o ensino superior] mas eu tinha medo de ir para Aracaju e só tinha lá, recursos eu não tinha para [pagar]o particular, aí quando ingressou, meus dois filhos já estavam estudando e fazendo vestibular, naquela época era quatro dias e a minha menina[já tinha tentado] uns dois anos ela ia e passava mal[durante a prova], acho que [era] o medo, e eu nunca pressionei nem um, nem outro, quando veio para aqui[Itabaiana] eu disse bem assim “eu vou me inscrever e vou pedir isenção, eu vou sentir esse gosto e se eu passar eu vou concluir”, foi eu, meu filho e minha filha fazer[o vestibular] ganhamos os três, quando saiu o resultado do vestibular eu já trabalhava no povoado Serra, eu faltei os quatro dias[no trabalho] eu peguei e fui me matricular no cursinho, primeiro teve um cursinho que eu nem completei. Pedir isenção e ganhei. Quando saiu a lista aí eu estava no meio, fui fazer o vestibular, quando saiu eu estava lá na posição 45ª eu digo “oxe, eu passei e meus filhos não! não! não é eu não”, aí minha filha foi quem me disse: é mãe é a senhora mesmo, é a senhora! eu dizia não é, e ela dizia é a senhora mesmo! aí fui fazer a pré-matrícula e concluir [o curso]. Deu vontade de desistir na metade do primeiro período, mas aí as meninas que estudavam comigo diziam: Não, não,

não. Mainha, você não vai desistir, você não vai desistir! A gente vai te ajudar, vamos, vamos! Você entra no grupo com a gente e você vai terminar, vamos!”. Eu era a mais velha, né. Então elas me adotaram como mãe.

O fato de ser um curso noturno contribuiu para sua escolha?

Sim, tinha que ser um curso a noite né, porque eu trabalhava e ainda hoje trabalho, tinha que ser a noite mesmo.

8. Por que optou pelo curso de Pedagogia?

Então na época do vestibular eu queria biologia porque eu me identifico muito com essa área assim de saúde, aí lá na hora da opção invés de eu colocar Biologia e coloquei Pedagogia. Não foi erro não, botei por botar mesmo, não foi nem poque eu queria mesmo porque assim eu achava um curso, ainda hoje acho um curso bem bonito Pedagogia, é um curso bem bonito, mas não foi porque eu quis não, acho que foi que teve de ser mesmo, destino! Destino da Pedagogia mesmo.

Morava na mesma cidade do campus estudado? Caso não, qual cidade e/ou povoado?

Sim na mesma, ainda hoje moro, bem pertinho.

9. Com relação ao curso como eram as aulas?

Há! As aulas eram muito dinâmicas, tinha muitas brincadeiras, os professores da época mesmo faziam da gente crianças, eles eram professores e nós éramos as crianças, então lá nós nos jogávamos pelo chão, fazíamos até aula de regressão e eu no sonho [durante essas aulas] cheguei até a Inglaterra (risos) até a Inglaterra eu cheguei, mas era muito bom.

10. Qual a reação de sua família ao saber do ingresso na universidade?

Ah, todos vibraram, menos meu marido. Meu marido disse que eu só ia para lá para ir namorar (risos), muitas vezes foi me vigiar.

11. Trabalhava fora de casa na época da graduação? Caso sim, em que serviço? Uma média de quantas horas por dia?

Trabalhava sim, como agente de apoio escolar, eu trabalhei 8 anos no povoado Serra, três [somando mais] cinco da universidade foram os oito [anos] que eu trabalhei lá.

Ave maria! de 7:00 da manhã que eu saía de casa e só chegava 6:00 da noite, acho que era mais de 10:00 horas de relógio, porque o horário de almoço eu estava lá então se configura como trabalho, porque eu ainda estava na escola.

12. Se formou nos 5 anos de graduação? Caso não, quais os motivos?

Durante os 5 anos, nunca reprovei não minha filha, sabe aquela aluna cobra? Aquela que sabe de tudo? Minha média era cinco (risos) e eu passava nos cinco, cinco, seis, sete (risos)

13. Como fazia para dar conta das atividades da universidade mesmo trabalhando?

Nos horários vagos lá da universidade, eu já adianta alguns trabalhos e quando eu chegava da universidade [ás] 11:00 horas eu ia fazer alguma coisa de almoço para deixar pronto para o outro dia para os filhos e arrumar alguma coisa[na casa], depois sentava na frente do computador e já ia fazer algum trabalho[da universidade] já para ir adiantando, ainda às vezes levava para o serviço no horário de almoço das 11:00 às 13:00, lá escrevia a mão, quando eu chegava aqui é que passava para o computador. Sábados e domingos eram só dentro de casa, para poder terminar as atividades, estudando, fazendo os trabalhos, porque era trabalho viu! Por ser pioneira naquela universidade, ser da primeira turma sofremos!

14. Alguém ou algumas pessoas lhe auxiliaram no desenvolvimento das atividades de casa ao longo do período de graduação?

De casa meus filhos, eu tenho uma menina que na época já era casada, e tinha os dois meninos, e eu deixava tarefa para cada um, se eu deixasse os pratos lavados eles enxugavam e guardavam, deixava roupa no arame eles tiravam, o almoço já deixava pronto, a casa eles arrumavam, eram eles que me auxiliavam.

15. Houve mudanças na organização do seu tempo no dia a dia?

Mudou, mudou porque se antes eu acordava 6:00 horas passava a acordar 5:00 horas, para em uma hora de relógio dar uma ligeira organização nos trabalhos da universidade e depois no de casa para depois ir trabalhar. Passava mais tempo acordada do que dormindo.

16. Como ficava o lazer? Como fazia para conciliar a vida pessoal e profissional com os estudos?

O lazer era só no trabalho que sempre tem as festinhas e criança sempre faz a gente esquecer um pouco da rotina do dia a dia, e eu trabalhava na escola com criança. E na universidade também, nos horários vagos chegava com as colegas brincava com um, com outro, com os professores ia para sala de jogos, até que me divertia, era só isso. Assim para sair para algum lugar dia domingo eu tinha que organizar o estudo. Na hora que os professores passavam alguma pesquisa eu já estava ali[pesquisando]. Algum resumo, eu já estava ali fazendo. Há é para daqui um mês! Eu já fazia, e em uma semana já estava livre, quando ele me pedisse já tinha feito, porque eu tinha medo de acontecer alguma coisa e eu não entregar. Juntava com as colegas ia para casa delas, passava final de semana. Às vezes final de semana a gente se juntava, que as que eram solteiras a gente ia pra lá [para casa das que eram solteiras], embora eu era casada, mas não tinha essa não, deixava marido, deixava tudo e ia atrás do meu sonho porque eu queria me formar, não era nem almejar trabalhar na área, mas porque era meu sonho ter uma formação. Dizer assim: eu sou formada!

Os cinco anos foram assim, hoje é que eu estou passeando mais, os filhos já estão grandes e agora é eu que vou me divertir.

17. Construiu laços de amizade na graduação?

Ah! Eu construir, construir e ainda tem várias amizades que ficou, não só de colegas que se tornaram amigos, mais dos professores também [exemplo] o professor Marcelo, professora Claudia, Juliano, Maria Batista tem vários, ficou até o [número] do WhatsApp, a gente tem contato, tem até o grupo com eles.

De que modo isso auxiliou ou não na realização do curso?

Ajudou muito eu mesmo construir vários laços de amizades, e eles me ajudaram a concluir o curso e a sair da rotina.

18. Quais as principais dificuldades enfrentadas durante a graduação e quais as principais alegrias?

A dificuldade era chegar do trabalho e não ter descanso para ir essa era a dificuldade porque eu ia a pé, daqui de onde eu moro para universidade era uns 20 a 25 minutos a pé era toda noite, toda noite, era difícil eu perder [aula], e também eu não podia perder não sabe porque as meninas ligavam logo, aí perguntavam o que foi que aconteceu então eu não podia, não tinha nem como desistir, nem me esconder porque elas mesmo eram quem ligava (risos) tinha vez que até elas diziam: - Não! então fique aí que fulano vai te buscar, e vinha me buscar mesmo, vinha me buscar em casa e me deixa lá na universidade (risos)

A alegria era quando chegava lá [na universidade], lá era onde eu tinha alegria sabe por que? Até os professores, porque como eu trabalhava no interior então eu tinha mania de agradar todo mundo, sabe o que eu fazia? pegava manga verde com sal, pimenta do reino e vinagre e levava [para a aula] lá estava nossa alegria (risos) os professores, ave maria, Maria Batista adorava a manga verde. Como [eu] trabalhava na escola sobrava merenda eu levava mungunzá, aí tem o professor Marcelo [que] na época era diretor do Campus e era professor [também] e ensinava a gente, aí ele não conhecia como mungunzá ele dizia: - Maria isso aí é chá de burro. Eu disse: - chá de burro como professor? e como o senhor é sabido (risos) aí ele falava: - Na minha terra é chá de burro. Aí eu dizia: - olhe se é chá de burro ou não sei, aqui é mungunzá, mas não vai comer não é só o burro não, a égua também comi (risos intensos) então era assim, eu não tinha uma linguagem certa, daquela linguagem formada para fala com eles, ele era bem povão. Então minha alegria era lá, quando vinha para casa aí era onde batia a tristeza, meu Deus ao invés de eu dormir tem tanta coisa para fazer, aí dormia uma, duas três da manhã. Mas eu persistir os cinco anos não fiquei devendo nenhuma disciplina e ainda mais pegava curso de inverno de verão esses cursinhos de um

mês, eu pegava porque eu gostava, eu não estou hoje porque não atou na área então isso me deixou mais distante um pouco, porque não estou na área, faço concurso não passo, mas graças a Deus estou trabalhando de uma certa forma na área porque eu trabalho em escola e é com criança de certa forma a gente também tá contribuindo com a educação, é tia também, é tia para lá, tia para cá, professora para lá e professora para cá.

19. Quais disciplinas teve mais dificuldade?

Olhe na primeira prova foi Geografia eu ganhei logo dois pneus foi zero (risos) porque a Geografia que a gente estudava no ensino médio EJA essas coisas assim não é a Geografia como a de lá não, então eu ganhei logo duas rodinhas, foi assim a dificuldade de início, mas depois quando a gente vai pegando a prática se tornou leve, só a introdução a Matemática que era ruim, a parte de Matemática sempre fui ruim e ainda hoje sou (risos) Matemática não é meu forte.

Reprovou em alguma?

Não. Como eu disse aluno cobra não reprovava, mas aquela cobra que passava apertadinho por debaixo da porta, mas passava (risos)

20. Após o curso como foi a vida profissional, ingressou no mercado de trabalho na área? Já atuou ou atua na área?

Não eu não atuo na área assim em sala, mas eu trabalho na área de educação eu faço parte do apoio. É assim a gente de apoio que antes era executor de serviços básicos, e hoje é agente de apoio um nome mais bonito, todo mundo se apoia na gente é o que eu digo lá, faço parte da limpeza, às vezes a merendeira falta a gente vai lá e faz se uma professora faltou e tem como a gente ir para sala tomar conta para não deixar os alunos ir para casa.

Mas você conseguiu esse emprego após sua formação ou modificou?

Eu já trabalhava antes, não modifico muito não eu só adquirir mais conhecimento de como lidar com a criança não só na sala de aula, mas no corpo todo da escola. Faz parte da área sim, porque no curso você trabalha com gestão então queira ou não tem a parte de direção que estar como uma diretora de uma escola, coordenação, como lidar com as tarefas e professores, na parte financeira isso tudo. A Pedagogia o curso em si abrange isso tudo então queira ou não, eu não atuo, não estou como diretora, não estou como coordenadora, não estou como professora, não estou como secretaria, mas eu sei um pouquinho de cada coisa, porque eu vivencio isso há 15 anos que trabalho em escola e eu sei um pouquinho. Como dizia meu avô eu sei “destrinchar certinho” (risos)

21. Houve colegas e/ou docentes que lhe auxiliaram por ter uma jornada dupla ou tripla?

Teve, colegas que hoje são minhas amigas e professores também.

Os professores ajudaram como?

Assim de não fazer as tarefas só, fazer em grupo de não fazer durante o dia e deixar para fazer mais lá [na aula] porque a turma toda trabalhava aí fazia as tarefas lá, eles auxiliavam eles não pressionavam tanto assim a gente.

E as amigas?

Elas ajudavam assim, quem não trabalhava durante o dia todo, aí fazia o trabalho todo e dali elas diziam olhem sua parte é essa, sua parte é aquela, você só estude, a gente já pegava pronto principalmente eu. Eu tive muita ajuda, muito mesmo, graças a Deus na minha trajetória eu tive muita ajuda, também eu tinha 45 anos me adotaram como mãe [então] eu tinha que mandar elas fazerem (risos)

22. O curso de Pedagogia da UFS lhe preparou para o mercado de trabalho? Fale um pouco sobre a relação das aprendizagens na Universidade e o mercado de trabalho.

Assim preparou, se eu tivesse ingressado como professora preparou muito. E assim aprendizagem em si, assim eu tirei muita coisa boa de aprendizagem do curso lá da universidade e se fosse para conciliar com o mercado de trabalho se eu tomasse conta hoje de uma sala de aula eu não teria dificuldade, porque o curso lá apesar de ser pioneiro tivemos muita dificuldade tivemos, mais a turma correu atrás, na época teve a coordenadora do curso que era Maria Batista ajudou muito a gente em busca dessa Pedagogia que antes era Normal Superior, e o Normal superior era como se fosse antigamente no [colégio] Murilo Braga que fazia aquele curso de formação e pronto, é ser o curso normalista como era na época do Mobral que o povo fala né, e eu ainda alcancei um pouco do Mobral que minha tia estudava na época do meu ensino primário na garagem que eu falei no início, tinha o Mobral. Então era para ser esse tipo de curso, mas com esse tipo de curso você não ia estar em uma direção de escola não ia está numa coordenação, era um curso só de quatro anos e era só ali, limitado só ali para sala de aula, não tinha como você coordenar, tomar conta né, ser gestor de uma escola, então teve muita aprendizagem sim.

23. Quais as melhores recordações do período de estudante do curso de pedagogia?

Há tem várias! As rodinhas de conversa com os professores com os colegas de outros curso que tinha, a gente também faz muita amizade, os professores mesmo quando tinha horário vago as vezes a gente sentava ali naquele cúpula da universidade [em] noite de lua cheia dizia cada asneira com os professores, e assim de vez em quando eu vou lá olhar a placazinha do curso, é porque os professores de antigamente já saíram quase todos, a maioria já saiu ai tem outros novos, mas eu sinto saudade de lá, vez ou outra eu estou indo

para formaturas, colação de grau de algumas pessoas, ai eu vou lá choro (risos) mais é bem gratificante eu mesma gostei se fosse para fazer de novo eu faria, faria tudo de novo.

24. Defina o curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho importância do mesmo para sua vida pessoal e profissional?

Bom, profissional não foi tanto e ao mesmo tempo sendo, que às vezes eu digo assim que antes de morrer eu faço um concurso para ir [trabalhar em sala de aula], nem que passe somente um ano na sala de aula e[depois] me aposentar, mas os concursos hoje em dia em si é tudo carta marcada principalmente para professores. E na minha vida pessoal é realização de um sonho, não só meu mais de toda minha família todos vibraram comigo me ajudaram meus colegas também do curso me ajudaram também na minha festinha, e eu gostei não tem muito o que eu falar não, assim, mas eu sinto muita saudade do curso, e eu dou conselho quem não quiser atuar, mas se tiver um sonho escolha Pedagogia porque é um curso muito bonito, muito bonito mesmo.

25. O que você diria para as estudantes de Pedagogia, que trabalham em casa e fora, além do dia a dia na Universidade?

Que siga em frente não desista, não desista, não desista! Porque eu saia de casa 6:30 da manhã 7:00; 6:00 horas chegava, a semana inteira trabalhava fora e só era chegar, às vezes nem tomava café porque já saia do banho vestia a roupa, pegava alguma coisa e saía comendo, então o dia todo sem vim em casa! Tem mulheres ainda que trabalham e vem em casa no meio dia, e eu passava o dia todo fora. Foram oito anos, três eu já trabalhava e os cinco da universidade. Cinco anos saindo seis, seis e meia, sete dependendo, e chegava seis da noite então o conselho que eu dou é que não desista, persista e que se precisar de ajuda peça. Mas siga em frente que é um curso muito bonito.

Sua profissão atual é?

Bom, sou servidora municipal com função de apoio operacional ou executora de serviços básicos ou agente de limpeza.

ANEXO A – Lista de Aprovados na primeira turma do curso Normal Superior que depois passou a ser o curso de Pedagogia no Campus Professor Alberto Carvalho da UFS-2006

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE			
PROCESSO SELETIVO 2006 / CAMPUS DE ITABAIANA			
APROVADOS			
PERÍODO ÚNICO			
580 - Normal Sup Series Inic Ens Fund Lic (not)			
CÓDIGO	NOME	UF	Pontos
06401039	ALENILZA TEIXEIRA	SE	8948,07
06401226	ALINE DE LIMA CARVALHO	SE	10459,60
06401173	ALINE DO CARMO SANTOS	SE	9049,89
06400116	ANA LUCIA DE OLIVEIRA MENEZES	SE	9402,58
06401880	ANA LUCIA SILVA SANTOS	SE	9288,13
06401174	BRUNA LUIZA SANTOS SANTANA	SE	9515,93
06401770	CARINA RAQUEL DOS SANTOS	SE	8922,23
06401512	CLEDSON ANDRADE DOS SANTOS	SE	9086,24
06401887	CRISTIANE DE CARVALHO FAGUNDES	SE	10732,00
06400586	CRISTIANE DOS SANTOS LIMA	SE	9537,27
06401730	DANIELA DOS SANTOS REZENDE	SE	9711,07
06400865	ELAINE DO NASCIMENTO COSTA	SE	10030,15
06401998	ELIANA DOS SANTOS MENDONCA	SE	9192,16
06401831	ELIANA SANTOS ALMEIDA	BA	8929,39
06402080	ELISANGELA BARRETO PEIXOTO	SE	9259,74
06400863	HORTENCIA DE ALMEIDA SANTOS	SE	9141,65
06400667	IVANI SOARES DE ANDRADE	SE	9859,16
06400427	JISELDA MEIRIELLY DE FRANCA	SE	9086,58
06401043	JOSE ALBERTO DE ANDRADE SANTOS	SE	10004,08
06401820	JOSE GENIVALDO DOS SANTOS	SE	9213,65
06401767	LETICIA FERNANDA LEMOS DANTAS	SE	9481,39
06401349	LUCIANA DE LIMA ARCANJO	SE	10053,85
06400392	LUCIMARA OLIVEIRA DE JESUS	SE	9674,58
06400334	LUCIVANIA DE OLIVEIRA	SE	9985,67
06401153	LUSINEIDE CUNHA GOIS	SE	9840,14
06402079	MARIA EDIVANIA DOS SANTOS SANTIAGO	SE	9022,33
06401728	MARIA JOSE DE JESUS SANTOS	SE	9029,10
06401794	MARIA JOSE DOS SANTOS	SE	9681,50
06401511	MARIA JOSE MENDONCA MENEZES	SE	9044,57
06401630	MARIA LUIZA LIMA SANTOS	SE	9294,74
06401506	MARILENE GOIS DE ANDRADE JESUS	SE	9547,16
06401065	MARTA PEREIRA DE LIMA	SE	9908,27
06400873	MAYANNE DA COSTA ALEXANDRE	SE	9922,16
06401278	MAYARA OLIVEIRA BISPO	SE	9900,67
06401705	NATALI SOUSA SILVA	SE	9424,45
06401519	PATRICIA DE LIMA ALMEIDA	SE	9389,43
06401014	RAYANE DOS SANTOS OLIVEIRA	SE	9404,75
06401814	RENATA SOUZA DE SANTANA	SE	9340,49
06401599	RODRIGO OLIVEIRA BONFIM	SE	10055,76
06401319	ROSENI DA COSTA DIAS	SE	9001,99
06400146	ROSENILDE ALVES DOS SANTOS	SE	9795,34
06401754	SILVANEIDE DE ANDRADE	SE	9784,76
06400300	SILVANETE REZENDE LIMA	SE	9211,99
06401914	SILVANIA MACHADO OLIVEIRA	SE	9315,14
06401812	SUZANA BARROS DE SANTANA ANDRADE	SE	9109,68
06401121	TANIA CRISTINA DOS SANTOS	SE	9938,65
06401302	THALITA LORENA DE OLIVEIRA PODEROSO	SE	10013,65
06401510	VALDECI MENDONCA DE ANDRADE CARVALHO	SE	8928,07
06400111	VALTER BARBOSA DE CASTRO	SE	10005,48
06401067	WILLIAM DA GRACA SANTOS	SE	9778,92

Fonte: Tabela retirada do site da CCV concursos. Lista de alunos que passaram no vestibular para o curso de pedagogia no campus Universitário Professor Alberto Carvalho em 2006. Disponível em http://www2.ccv.ufs.br/ccv/concursos/Itabaiana2006/resultado/aprovados/aprov2006_580.htm

ANEXO B – Formandas da primeira turma do curso de Pedagogia do Campus Professor. Alberto Carvalho no ano de 2011 – Missa Festiva



Fonte: Acervo da entrevistada Montessori